



PORTUGAL DEMOCRATICO

ANO IX — N.º 87 — SÃO PAULO, OUTUBRO DE 1964 — REDAÇÃO: RUA CONSELHEIRO FURTADO, 191 — S/2



HOJE COMO ONTEM

5 de Outubro: os Principios e a Acção

A Revolução do 5 de Outubro de 1910, de que hoje comemoramos o 54 aniversário, foi fruto de longa preparação. Foi quase meio século de propaganda pela palavra, pelo jornal, pelo livro; de organização nas escolas, nos quartéis, nas fábricas, no campo. Quase cinquenta anos de pequenas lutas inglórias, e sem brilho, de pequenas ações, de sacrifícios que não ficaram na História, forjaram, pouco a pouco, as armas que permitiram derrubar, numa noite, uma estrutura multi-secular, tão sólidamente alicerçada como era a Monarquia portuguesa. Graças a anos e anos de pertinácia, de confiança no destino final da Revolução, os republicanos puderam dar o golpe no momento exato, evitando soluções precipitadas e de desespero: esta é a primeira lição do 5 de outubro.

Mas a Revolução foi também, e acima de tudo é isso que nos importa hoje frisar, quase meio século de unidade das forças republicanas. Católicos e ateus, socialistas e conservadores, todos lutaram juntos, nesse longo período, tanto nos grandes momentos, nas horas de glória, como, e principalmente, no combate miúdo e quotidiano. Sem essa unidade, não teria havido 5 de Outubro.

Repare-se, entretanto, que a História desse movimento glorioso nos ensina que tal unidade se realizou sem sacrifício dos diferentes matizes ideológicos que compunham o naipe republicano. Nenhum combatente abandonou os seus princípios; isso não os impediu de se lançarem na ação, visando um objetivo comum: fazer a República.

Mais uma vez, neste jornal, que é de todos os autênticos democratas portugueses, chamamos a atenção para o exemplo do 5 de outubro: unamo-nos na ação para derrubar o salazarismo, alcançada essa vitória e liberto o povo português das servidões de toda a ordem, internas e externas que o oprimem, soará então a hora de cada um empunhar a sua bandeira com vista à construção do futuro.

Que os republicanos do 5 de outubro nos inspirem hoje: realizemos, como eles, a unidade no trabalho, dentro da diversidade inevitável, desejável, democrática, das nossas respectivas formações ideológicas.

PORTUGAL
DEMOCRATICO

Fac-Simile da primeira página da edição do jornal "O Mundo" de 18 de junho de 1907, dedicada aos dramáticos acontecimentos ocorridos em Lisboa quando do regresso de João Franco. PORTUGAL GOVERNADO POR ASSASSINOS, foi o título que aquele diário republicano estampou ao alto, a toda a largura, numa alusão às violências da força pública contra os manifestantes que haviam acorrido para vaiar o ditador. O morticínio indignara a população da capital; a vibrante reportagem de "O Mundo" incompatibilizou-a definitivamente com a Monarquia.

O jornal foi apreendido e suspenso. Mas a onda de revolta popular não cessou de se avolumar até à explosão patriótica e libertária do 5 de outubro de 1910.

Mais de 57 anos passaram sobre esse episódio histórico. Nem por isso o título perdeu actualidade. Hoje, como então, Portugal é GOVERNADO POR ASSASSINOS. E, agora, como nos estertores da Monarquia, não haverá violências e crimes capazes de conter as massas, na sua ansia de Liberdade, Progresso e Paz. A hora da insurreição vitoriosa aproxima-se; os carrascos do povo português não escaparão ao castigo.

O OBSCURANTISMO SALAZARISTA - III

A Investigação Científica

Ioaquim Barradas de Carvalho

O regime que oprime física e espiritualmente o Povo Português, há mais de trinta anos, deixou de ser considerado alem fronteiras como uma "ditadura paternalista". A farsa chegou ao fim do seu último acto. A tão decantada "ditadura paternalista" é hoje considerada unanimemente o que na verdade ela é: uma ditadura fascista. Os meios, os larguíssimos meios, de que dispõe discricionariamente o actual Governo Português, já não chegam, nem para mistificar, nem para comprar a opinião alem fronteiras. Intelectuais honestos, cônscios das suas responsabilidades, várias vezes convidados a Colóquios e Congressos, vêm agora dizer o que pensam da situação da Cultura e da Investigação Científica no Portugal Salazarista. E dizem-no provocando o espanto e até a indignação dos epígonos de Salazar — mestres na arte de comprar consciências. Chegam ao ridículo de se manifestarem nestes termos: "O Professor X, a quem nós convidámos várias vezes a Colóquios, a Congressos, com viagens pagas, hotéis de primeira, banquetes opíparos com profusão de lagostas, etc., etc., faz-nos agora a descorrezia, a vileza, de denunciar o nosso medo da livre inteligência" (!!!). Não lhes passava pela servil cabeça que entre esses intelectuais, para glória da inteligência, há alguns que não se deixam comprar nem subornar. Mesmo se alguns beneficiaram das tais viagens, hotéis e banquetes oferecidos, mais não fizeram do que aceitar naturalmente algo que lhes era devido na sua qualidade de intelectuais de renome universal. A verdade é que, com estes, o Salazarismo e respectivos serviços de propaganda nada têm a ganhar. Ao fim e ao cabo melhor será que dediquem a sua atenção, e as suas verbas, a alguns autores cosmopolitas, mais ou menos falhados, contemplando-os de vez em quando com o Premio Camões do S.N.I. (Secretariado Nacional de Informação).

impede o historiador de cultivar estas ciências sociais cujas questões lhe são, no entanto, na sua quotidiana investigação, cem vezes mais úteis do que os conhecimentos chamados tradicionalmente, mas erroneamente, históricos. Na alínea seguinte, acrescenta: "Sem problemática para o guiar, o historiador português tradicional deixa-se absorver pela colheita dos factos, o gosto do anedótico, da precisão e do detalhe em domínios ou sobre assuntos que não têm nenhuma importância — é a escola histórica alemã no que ela tem de mais estreito. O historiador português oscila entre as sínteses demasiado gerais e as descrições de acontecimentos, ou as biografias puramente eruditas. Fica demasiado perto dos documentos ou deles se afasta em demasia. Ignora os métodos modernos da história serial e da semântica quantitativa tanto quanto os problemas de estrutura ou de conjuntura. Estas tendências são ainda agravadas pelo carácter conservador do regime político, ao qual uma ideia nova num domínio em que o marxismo tanto pouco aparece muitas vezes como uma aventura revolucionária perigosa, a evitar a todo o custo. Os factos... Os factos... A palavra tem ainda um sentido nas margens do Tejo. Um sentido de prudência."

O que o Professor Frédéric Mauro omite, talvez por falta de informação, é que a última reforma das Faculdades de Letras, feita sob a responsabilidade de Leite Pinto, então Ministro da Educação Nacional, previa a criação de Cadeiras de História Económica e de Sociologia. Mas parece que o Doutor Salazar ao ler o plano da reforma passou o bico do lápis por cima do título destas duas cadeiras. E foi o suficiente para que elas continuassem a não existir nas Universidades Portuguesas!!!... Qualquer comentário a esta inimaginável manifestação de prepotência estaria deslocado. Em 1960, um Presidente do Conselho, antigo Professor Catedrático de Economia e Finanças, proíbe que se ensinam, nas Universidades do seu País, a História Económica e a Sociologia!!!... Decididamente, a estreiteza e o medievalismo são tristes ervas daninhas que o nosso prepotente "feitor de casa rica" — como já algum lhe chamou — gosta de ver medrar em Portugal.

Frédéric Mauro não esquece no entanto os aspectos positivos do que se tem feito ou está fazendo em Portugal, apesar da Ditadura Obscurantista que lá reina há mais de trinta anos. Não esquece o trabalho que estava sendo realizado até ainda há pouco por Vitorino de Magalhães Godinho no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos. Não se esquece também de lamentar ter sido recentemente demitido este grande professor e investigador. Não se esquece de pôr em paralelo o caótico Arquivo Nacional da Torre do Tombo com a feliz excepção que constitui o Arquivo Ultramarino sob a direcção de Alberto Iria. Neste sector outra excepção existe, e esta esquecida por Frédéric Mauro: a Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora, sob a direcção de Armando de Gusmão. O ilustre Professor e Investigador francês não esquece também uma referência elogiosa a alguns Professores e Investigadores cujo exemplo mostra que nem tudo está perdido. Entre estes, tolerados a ensinar ou a investigar em Portugal, destacamos os nomes de Luis de Matos, Joaquim Veríssimo Serrão, Jorge de Macedo, Joel Serrão, Virginia Rau, Orlando Ribeiro, Fernandes Martins, os Padres Serafim Leite e Francisco Leite de Faria, Hernâni Cidade, etc. Também se refere a alguns Professores e Investigadores na emigração, e entre eles a José Gentil da Silva e Antonio José Saraiva, ambos no "Centro Nacional de la Recherche Scientifique" em Paris.

Frédéric Mauro finaliza o seu artigo com uma Conclusão, onde lemos: "A jovem geração de historiadores portugueses, fortalecida por alguns precedentes ilustres, encontrou o caminho da investigação histórica moderna. Para que ela possa manter-se neste caminho, será preciso que o Governo Português e as grandes Fundações a ajudem: a) dando a cada historiador um salário decente e as subvenções necessárias para as viagens de investigação; b) desenvolvendo nas Universidades, ao lado dos Cursos de História, cursos versando matérias ligadas às jovens ciências sociais e económicas, de tão grande importân-

cia, e cujo contacto é tão fecundo para os historiadores; c) encorajando, ao lado dos estudos sobre o glorioso passado nacional, outros estudos incidindo sobre períodos menos brilhantes, mas mais recentes, mais proximos dos problemas actuais; encorajando também investigações em Países estrangeiros e sobre estes Países; d) levando a cabo um grande esforço de reorganização e modernização de certos Arquivos e Bibliotecas". Segundo Frédéric Mauro, "estas necessidades nada têm de excessivo. A sua satisfação levaria muito depressa Portugal às primeiras linhas da Ciência Histórica europeia; Portugal tem todas as condições para isso: uma grande curiosidade do passado, um gosto profundo por esse mesmo passado, e uma tradição de trabalho probo e paciente".

Haverá quem possa dizer que o Professor Frédéric Mauro se intrometeu nos negócios internos de um País que não é o seu. Os democratas portugueses pensam seguramente o contrário, e agradecem ao grande historiador francês a sua corajosa manifestação de honestidade. O Professor Frédéric Mauro que já nos dera a sua notável tese sobre Portugal e o Atlântico no Século XVII, mostrou mais uma vez que é um amigo de Portugal e do Povo Português.

A Lição de Beja - II

A Nova Fase da Luta

LOPES MENDES

O povo português, grita: Isto sem bordoadas já não vai. Que quer dizer isto? Quer dizer, em termos políticos, que a luta em Portugal entrou já numa nova fase. No duplo sentido da palavra. No sentido de que é o povo que participa na luta activamente, e no sentido de que esta luta se orienta, na etapa actual, para a via não pacífica.

Quando do coração do povo surge uma ideia e essa ideia, a princípio difusa e unilateral se transforma numa aspiração colectiva, unânime, definida e concreta, é porque no ventre da sociedade germinou a semente criadora, e se passa dos ditos aos feitos. Como os frutos da terra, as ideias brotam da sociedade e voltam à sociedade. Não há melhor bússola nem palavra de ordem que aquela que sai do coração, do seio do próprio povo. A opposição portuguesa portanto, quando preconiza a insurreição popular armada, o levantamento nacional armado não especula nem teoriza no vácuo. Sintetiza e interpreta fielmente uma aspiração colectiva do povo português e as necessidades reais da luta em Portugal. Porém, uma coisa é aspirar e outra realizar, como outra coisa é admitir e defender de palavra e nos papéis a justiça da via revolucionária não pacífica e outra, muito distinta, trilhar de facto a via não pacífica, a luta violenta e armada. De uma a outra, vai todo um período que se deve recorrer. É nesse período que nos encontramos. E do qual devemos sair.

Quando o povo diz: "Sem porrada já não vai" quer exprimir que o caminho que conduzirá ao derrubamento da ditadura passa agora pelo enfrentamento violento e armado mas que este ainda não chegou. Não chegou mas deve chegar inevitavelmente.

Por outra parte, se reconhecemos que a via da luta armada é a que corresponde efectivamente aos interesses do povo e às necessidades da luta somos obrigados não tanto a proclamá-lo de palavra como a tomar medidas coerentes e concretas para o fim em vistas: a luta não pacífica. E se não podemos evidentemente saltar por cima das etapas prévias e desencadear a insurreição armada, para a qual não existem todavia as condições gerais adequadas e propícias, devemos, entretanto, preparar-nos e organizar-nos para a luta não pacífica criando quadros e grupos de técnicos de agitação e auto-defesa, operações ofensivas para as quais desde já existem, sem dúvida, motivos e condições propícias.

Contudo — e isto há que tê-lo muito em conta — tomar medidas para a entrada num novo ciclo revolucio-



Os democratas portugueses da Belgica continuam a desenvolver naquele país, em colaboração com os espanhóis, um proficuo trabalho de esclarecimento da opinião publica local, denunciando por todos os meios as ditaduras ibéricas de Salazar e Franco. A central sindical socialista, solidária com o comitê anti-fascista dos nossos compatriotas pôs à sua disposição uma sala da Federação Geral dos Trabalhadores Belgas. O cliché que acima reproduzimos mostra um grupo de democratas portugueses exibindo uma faixa durante uma manifestação realizada em Herstal.

nario, onde a via da luta é a violenta, não é o mesmo que lançar-se na insurreição armada. É muito diferente. Como é diferente fazê-lo sem considerar devidamente as condições concretas ou desligados das massas. Mas não se pode tampouco preconizar seriamente a via da luta armada como solução para o problema politico-social português e ficarmos a espera, sentados, na esperança de que a bola de neve que desliza pela encosta se transforme num aluvião ou numa tormenta revolucionária. Temos que começar a organizar-nos e a preparar-nos para entrar na nova fase da luta não pacífica. Levá-lo a cabo, depois de convenientemente estudadas, pequenas acções de auto-defesa e ofensivas, em conjugação com as lutas de massas mais diversas, naqueles pontos de maior fervor e experiência revolucionárias, não nos deixando ir a reboque do movimento espontâneo das massas. Hoje aqui, amanhã acolá. Das acções mais simples às mais complexas. Pois a luta armada que se avizinha, da qual seremos os soldados, nas duras condições do fascismo, é uma luta difícil, complicada e cruenta que require, além da determinação e vontade de lutar, numerosos quadros experimentados nas diversas técnicas e tácticas ofensivas e, sobretudo, organização, muita organização. E a esta organização que nos referimos. Para uma luta de novo tipo, que por vezes sairá especificamente do marco reivindicativo e pacífico, tem que haver organizações apropriadas de novo tipo, sem que necessariamente tenham de ser as clássicas guerrilhas ou "maquis" ou ainda quaisquer grupos armados e militares no sentido estrito da palavra, seja à semelhança das primitivas bandas de D. Afonso Henriques, a cavalo e com o punhal nos dentes, incendiando e assaltando, pela calada da noite, usando a astúcia e a surpresa, por táctica seja à semelhança dos modernos "comandos" com meticulosos planos estratégicos, usando detectores eletrónicos, armas automáticas, radio e automotores.

Se isso tiver que vir, virá. Mas não agora, certamente. E não é lógico prever para Portugal nem um choque frontal entre as forças armadas da ditadura e os grupos armados da resistência, como na Indochina e na Argélia, nem sequer uma prolongada luta de guerrilhas, como em Cuba e outros países. Inclusive se poderá confiar que, provavelmente, parte das forças armadas da ditadura, numa determinada fase da luta anti-salazarista, se passe para o lado do povo ou enfrente outras unidades afectas ao fascismo, neutralizando-as. Dado as tradições e condições portu-

guesas, é previsível que seja esta a saída mais provável — a meta estratégica. Tudo depende do trabalho e da organização. O trabalho das e nas forças armadas — uma vasta rede de organizações e conexões nas forças armadas — é importante e decisivo devido ao poderio repressivo do Estado Fascista, mas muito delicado, lento e difícil. Dado o retrazo verificado ainda nesta frente, e do cuidado e atenção que require, não é crível contar com o concurso do Exército na actual fase da luta em Portugal pelo menos duma forma aberta e franca.

Do que se trata pois, agora, a nosso ver, é de organizar grupos adestrados em determinadas técnicas ofensivas ou semi-armadas para actuar e saber actuar quando seja indicado e necessario. E, formados estes grupos operacionais, inter-ligados e com um comando central, desenvolver, quando oportuno, pequenas acções tácticas e de auto-defesa, em função do movimento geral opoitor, politico e de massas, como ensaio e prelúdio de operações ofensivas de maior envergadura.

A via da luta armada não é inédita. Sem esquematizar, e partindo dum mínimo de premissas nacionais, podem-se organizar portanto grupos tácticos ofensivos baseados na experiência universal. No entanto, a indole, estrutura e natureza dos quadros e grupos ofensivos portugueses só se podem definir no fragor da própria luta, de acordo com as condições do meio geografico politico e humano.

Sem organização não há revolução. E a organização deve ter em conta as modalidades da luta, as condições concretas, e estar ao serviço da luta. Será a luta, em última instância, quem ditará das formas orgânicas definitivas e superiores. Sem ela, sem a luta, não haverá organização perfeita possível. Em biologia, diz a lei, cada órgão desempenha a sua função. Mas a função precede o órgão e vai amoldando-o e transformando-o consoante as suas exigencias vitais. Assim é também na sociedade. Sem lutas de novo tipo não haverá organização de novo tipo. E sem esta organização de novo tipo, paralela e actuante, não se poderá entrar no ciclo prévio ao levantamento popular armado.

O assalto ao quartel de Beja, pelos seus ensinamentos e características, pode-nos servir de pauta para o estudo do problema. Neste malogrado e valente episódio, tão recente, ESTA INDICADO CLARAMENTE NÃO SÓ O CAMINHO A SEGUIR COMO O CAMINHO QUE NÃO SE DEVE SEGUIR, NO SEU TRÍPLO ASPECTO, ORGANICO, TÁTICO E ESTRATEGICO.

Sengh
Nã
uma d
nas a
com P
guarda
ta de
residen
esperava
poeta da
a saber
tivo que
par ao B
de Salaz
tradores
sham d
râmbicos
politico,
bres val
se o q
quando
sar. En
mo apre
tranho
cia de q
juria qu
nendo-se
despeja
ghor qu
logicas,
so banc
gurança
Salazar
de abr
Bounial
te intri
ção con
te, em
Como
rista?
confess
negal
povo?
ações
astar
tase p
sa? M
quer fo
do faso
em ner
dourad
rio, qu
de pa
de lin
de lin
jária
ghor,
buir c
acesso
dencia
Salazar
cada p
sileira
maior
pressã
do cor
maray
princi
popos
trover
É o r
à ind
nias j
plicit:
rola
poder
A I
Cra
Mo
de u
ca d
te, c
veiro
mane
se s
salaz
mere
objel
port
Qu
visit
crati
país,
panh
para
tant
ques
entô
exec
dem
tom
o P
Bra
ber
nin
Sou
do
Bra
rad
bar
con
so
to
rãs
cor
tos
cet
lo

Novas e comentários

Senhhor no Brasil

Não obstante o Senegal ter sido uma das primeiras repúblicas africanas a romper relações diplomáticas com Portugal, o governo de Salazar aguardava com expectativa não isenta de esperança a visita ao Brasil do presidente Leopold Senghor. O que esperava o fascismo do estadista e do poeta da "negritude" ninguém o veio a saber exactamente, mas é significativo que muito antes de Senghor chegar ao Brasil já os agentes brasileiros de Salazar no Rio de Janeiro e os traidores do povo português se viam desdobrando em elogios ditirâmicos à grandeza do homem e do político, encarnando nele os mais nobres valores da democracia... Sabe-se o que essa linguagem significa quando usada por criaturas de Salazar. Entretanto, semelhante entusiasmo apresentava-se como bastante estranho se atendermos a circunstância de que há dois anos não houve injúria que a imprensa de Lisboa, fazendo-se eco da posição oficial, não despejasse sobre o presidente Senghor quando este, com a maior das lógicas, levou o fascismo português ao banco dos reus do Conselho de Segurança, depois de a Força Aérea de Salazar haver bombardeado, em 8 de abril, a aldeia senegalesa de Bouniak, em manobra ostensivamente intimidatória. Os insultos de então converteram-se, sem razão aparente, em humildes loas.

Como entender o *volte face* salazarista? Má interpretação da simpatia confessada que o presidente do Senegal tem por Portugal e pelo seu povo? Esperança de que as suas posições conservadoras o levassem a afastar-se da África para cair em exatase perante a "sabadoria" salazariana? Mistério indecifrável! De qualquer forma, enganaram-se os oráculos do fascismo. Senghor não se deixou em nenhum momento enredar na teia dourada em que procuravam envolvê-lo. Não escondeu, antes pelo contrário, que antevê para o Brasil um grande papel junto das nações africanas de língua portuguesa. Simplesmente, não é esse o papel que Salazar desejaria vê-lo desempenhar. Para Senghor, a Nação brasileira pode contribuir decisivamente para apressar o acesso à autodeterminação e independência das colónias portuguesas; para Salazar ela estaria naturalmente indicada para retardá-lo. A imprensa brasileira salientou, aliás, um facto da maior importância. Foi graças à pressão de Senghor que no comunicado conjunto "os dois presidentes afirmaram o seu inabalável apego aos princípios da autodeterminação dos povos e da solução pacífica das controvérsias pelo diálogo constructivo". É o reconhecimento tácito do direito à independência dos povos das colónias portuguesas e a condenação implícita da guerra colonial. Essa a derrota que o fascismo português não poderá esconder.

P. D.

A Morte de Craveiro Lopes

Morreu Craveiro Lopes. A morte de um antigo Presidente da República de Salazar não seria, normalmente, comentada neste jornal. Mas Craveiro Lopes, após terminar o seu mandato presidencial, assumiu, como se sabe, uma posição de oposição ao salazarismo que torna a sua figura merecedora de uma análise serena e objetiva por parte dos anti-fascistas portugueses.

Quando o Marechal Craveiro Lopes visitou o Brasil, em 1957, os democratas portugueses exilados neste país, lançaram contra ele uma campanha. Não têm eles, agora, razões para arrependimento: era o representante de Salazar o alvo dos seus ataques. É interessante entretanto recordar que, nessa altura houve uma excepção nas nossas fileiras: alguém, democrata de fé inabalável, recusou tomar parte nas manifestações contra o Presidente enviado por Salazar ao Brasil, alegando razões obscuras, cobertas com um véu de mistério, que ninguém no momento compreendeu. Soube-se, bem mais tarde, que quando da visita de Craveiro Lopes ao Brasil, já o seu espírito admítia a virada anti-salazarista, certo de que acabaria por provocar o seu rompimento com o fascismo. Esse democrata, nosso amigo, teria portanto conhecimento do facto, e julgaria que, se hostilizássemos Craveiro Lopes, estaríamos cometendo um erro. Os acontecimentos mostraram que assim não aconteceu. E talvez hoje se possa dizer, pelo contrário, que essa posição dos democratas portugueses do Brasil, ex-

memória, a sua organização mental e certa facilidade para lidar com determinados tipos humanos, aliadas a uma série infindável de qualidades negativas, transformavam-no, contudo, a nossos olhos, como aos de muitos outros democratas, em adversário temível. Agora, nem isso. Quando fala, pelo menos, a imagem que nos apresenta é a de uma ruína, a de um velhote incapaz de coordenar as ideias.

A sua entrevista ao "Christin Welt", por exemplo, é uma baralhada dos diabos. A ausência de um pensamento sistemático torna-se chocante. Para chegar à conclusão absurda (motivo da arenga) de que "a única forma de assegurar aos povos africanos um progresso económico, social e político será a instauração de uma sociedade multirracial como a do Brasil", salta de um tema para outro, numa demonstração de versatilidade e superficialidade que contrastam com a alta ideia que faz da disciplina mental e da austeridade intelectual que se atribui. Se a tese é totalmente disparatada, a maneira de a defender é caótica. Perde-se a discórdia sobre o que define como os três tipos de comunismo (como se uma ideologia fosse artigo para vender à vontade do freguês), salta daí para diatribes vulgares contra os efeitos perniciosos do que chama de "Centrais marxistas no sindicalismo africano", e, sempre com muitos desvios e parenteses, aponta o caminho do futuro, agitando o exemplo brasileiro que, em sua opinião, não difere, aliás, do oferecido pelas "provincias" de Cabo Verde, Angola e Moçambique". Inexplicavelmente, a Guiné foi castigada, ficando no tinteiro. Mas logo confunde tudo, novamente. "Hoje em dia — afirma — quando a ciência resolve grandes problemas de saúde e povoamento, a África pode finalmente desenvolver-se". A tirada faria honra ao próprio Mr. de la Palice!

O facto de a África ser insuficientemente povoada atormentaria particularmente o entrevistado. Então é o Brasil? Mas ponhamos de lado as contradições, a falta de memória, os comentários sobre o mau clima africano, e a inevitável referência a Goa. De barafunda geral em que as "provincias ultramarinas" ora surgem como exemplo a ser imitado pelo resto da África ora se destacam como simples cadinho de experiências em curso, emerge uma ideia fixa: o caminho do futuro para a África está na mistura de povos e culturas. Por aí se fica o antigo professor de Finanças. Não se aventura mais longe. E faz bem. Como demonstração de falta de formação ideológica e histórica, a sua entrevista é um documento que dispensa mais audazes amostras de sabedoria.

Que o mentor do fascismo português desconhecia os mais comezinhos problemas da África já o sabemos. Não imaginávamos, entretanto, que a sua ignorância do Brasil atingisse tais extremos. É de esperar que o seu ministro dos Estrangeiros, homem inteligente e instruído, lhe ofereça uma pequena biblioteca de livros sobre a formação histórica do Brasil para evitar que, no futuro, insista em paralelos que o ridicularizam internacionalmente. Nunca supusemos, verdade seja, que tivesse lido as obras do prof. Boxer, de Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior ou Honório Rodrigues. Bastaria, no entanto, que houvesse folheado as páginas amenas de um Roger Batide para, na posse de conhecimentos ao alcance de qualquer escolar, ter poupado os leitores do "Christin Welt" à indigesta dose de disparates que lhes serviu.

Enfim, se como aprendiz de ciências sociais continua a ser um maurasiano temperado com molho de conselheiro Acácio, resta ao vetusto ditador a consolação de haver sido promovido a "filósofo" e "grande senhor" pelo jornalista que o entrevistou. Tranquilizem-se, porém, os leitores do "Portugal Democrático": não discutiram filosofia. O entusiasmo do reporter tem outra explicação: Salazar ajudou-o a vestir a gabardina.

M. U. R.

Apelo aos Leitores

Uma vez mais vimos apelar para os nossos leitores, na certeza de que, como sempre tem acontecido, não nos faltarão com a sua indispensável ajuda material. Surpreendidos pela repentina alta das tarifas postais do Brasil, chamávamos em nosso último número a atenção de todos os amigos e assinantes do Exterior para os encargos daí resultantes que alteravam completamente o nosso orçamento, já de si deficitário. Podemos agora informar que o aumento de despesas só com o correio aéreo para os assinantes residentes fóra do Brasil é superior a 100%. Em tais condições, conforme já salientamos, a regularidade das nossas remessas terá necessariamente de ficar dependente das contribuições extraordinárias que nos forem enviadas.

Das Palavras Aos Actos

Miguel Urbano Rodrigues

Numa antologia da literatura política produzida pela emigração democrática portuguesa, o tema da unidade ocuparia o primeiro lugar. Se os actos correspondessem necessariamente às intenções, os problemas unitários teriam sido há muito resolvidos no seio da oposição anti-fascista, tão sincero é o desejo geral de ver superada uma etapa que condiciona a passagem da luta a um nível superior. Mas se é fácil preconizar a unidade e invocar a seu favor argumentos irrefutáveis, bem mais difícil é, uma vez ela aceite no plano formal, transformá-la em realidade actuante.

No Interior, as necessidades cotidianas da luta ajudam a limar muitas arestas; não há aí choques de temperamentos que resistam à fraternidade forjada no combate diário. Mas no Exterior as coisas passam-se de maneira diferente. Quando se trata de transformar as palavras em acção, surgem, invariavelmente, complicações. Por mais dolorosas que tenham sido as experiências do passado, muitos democratas que se julgavam vacinados contra todos os males do individualismo e do personalismo voltam a cometer erros antigos — e desde já esclareço que não pretendo negar os que na minha insignificância cometi — que prejudicam ou mesmo inutilizam todo o trabalho colectivo.

Essa tendência para regressar, afirmação negativa de homens que se ligaram com vista a um objectivo comum, é uma moléstia que costuma atingir todas as emigrações políticas; não devemos olhá-la como triste privilégio nosso. Mas já lá vão 38 anos de fascismo! Mais do que o suficiente para se aprender a lição. A hora que vivemos é incompatível com o tipo de desinteligências, de rivalidades e processos de trabalho que durante décadas tornaram a Oposição anti-fascista num corpo sem cabeça. Só por má consciência se pode hoje alegar, como há anos, que o tempo trabalha contra Salazar. Como muito bem salientou Fernando Piteira Santos em artigo publicado neste jornal: se é certo que o tempo trabalha a favor dos "dirigentes oposicionistas", dos "grupos" e dos "partidos", não é menos certo que o factor tempo trabalha implacavelmente contra o Portugal arcaico, mísero e rotineiro, subdesenvolvido e subinstruído.

Tudo o democrata emigrado que, no momento, fere de qualquer modo a unidade, comete um crime contra o povo português. E feri-la não é apenas o abandono do diálogo construtivo, o esquecimento de tudo o que foi aceite e programado nas duas Conferências da FPLN. É também, não o esquecermos, não saber defendê-la contra todas as ameaças, é deixar-se arrastar por não importa que ataque ou provocação, venha donde vier, inclusive de um companheiro. Um simples arrebatamento, uma perda momentânea da lucidez, quando estão em causa homens nos quais o povo delegou uma parcela da sua confiança, pode ter consequências gravíssimas, desencadeando um processo inexorável. As estratégias pessoais, os planos factícios sem a sanção colectiva, quaisquer iniciativas individuais — tanto no terreno burocrático como na acção — representam outros tantos desserviços prestados à causa da libertação de Portugal.

É extremamente perigosa, por exemplo, a propensão de certos oposicionistas para encarem a frágil unidade formal como facto consumado e irreversível, sem atenderem a que só a busca de formas práticas

de organização e de acção porá à prova a solidez do acordo a que se chegou. Em outras palavras: a grande vitória unitária que foi a constituição, em dezembro de 1962, da Frente Patriótica de Libertação Nacional só produzirá todos os seus efeitos quando os militantes da Frente, a principal pela totalidade dos seus quadros responsáveis, abdicarem dos últimos resquícios de personalismo, e, no debate dos problemas e na execução das tarefas, se mantiverem dispostos a respeitar e defender os princípios democráticos e colegiais que devem presidir ao funcionamento de todos os órgãos da entidade. A unidade não é uma fachada, mas uma realidade instrumental.

Não há problemas humanos, desde as divergências na organização do trabalho até aos mais graves choques pessoais que justifiquem atitudes susceptíveis de se traduzirem no terreno político por um enfraquecimento da unidade, em prejuízo do objectivo fundamental da FPLN e do povo português: o derrubamento do fascismo. Nenhum patriota tem o direito de sobrepôr a sua dignidade ofendida ao interesse colectivo, afetando, com um comportamento egoísta, as tarefas ligadas à Libertação. Os males que advêm das explosões de orgulho e personalismo que quebram a harmonia do trabalho colegial produzem, principalmente quando as desinteligências se verificam no Exterior, as mais graves e incontáveis reacções em cadeia. De um lado, o espectáculo da emigração política dividida por querelas intestinas tem como consequência imediata uma perda de prestígio que afecta toda a Oposição, restringindo as suas possibilidades de acção na esfera internacional, tanto no terreno diplomático como no tocante à conquista de ajuda material. Por outro lado, o fascismo, sempre vigilante, nunca deixa de explorar, através da sua máquina de propaganda, e por vezes com bastante éxito, as nossas menores fraquezas.

Os democratas portugueses têm atrás uma dolorosa experiência e não ignoram os prejuízos advindos da ausência de uma frente unitária pela qual lutaram durante anos os sectores mais esclarecidos da Oposição. Ora, essa Frente existe, agora. Cumprenos fortalece-la e não enfraquece-la. Nela, os atritos pessoais não podem constituir-se em factor de perturbação. A FPLN surgiu justamente para levar a luta a uma fase superior, situando-a acima dos indivíduos, dos grupos e dos partidos. Há um caminho indicado para resolver as dificuldades, qualquer que seja a sua importância e gravidade: o do diálogo. A FPLN tem, aliás, na sua Conferência, composta por democratas que se encontram tanto no Interior como Exterior do País, um órgão supremo qualificado para deliberar a respeito de todas as questões concernentes à direcção do movimento. Isso basta para nos trazer a certeza de que a unidade fraternal, que tende a ser a regra no Interior, onde no combate cotidiano, se decide o destino do povo português, se tornará em breve extensiva a quantos, no Exterior, fazem da luta contra o fascismo a principal razão de existência.

Quanto aos outros — minoria infinitesimal —, os que colocam os seus ódios e invejas acima do interesse de 9 milhões de portugueses, os que servem jubilosamente argumentos à propaganda de Salazar, os que esquecem a tragédia colonial enquanto se entregam aos "potins" da emigração — esses podem continuar entregues às delícias das suas guerras de Alecrim e Mangerona, pois deles nada espera o povo de Portugal, hoje mais do que nunca unido na luta contra o fascismo, em torno da bandeira da FPLN, coeso na aurora da insurreição libertadora.

Muitas palavras têm sido gastas com a defesa da unidade. É chegada a altura de a fortalecermos com actos.

Vitórias do Povo e da Solidariedade Mundial

Alfredo Ruas

Para os democratas que, no interior ou no exílio, têm lutado pertinaz e consequentemente pela derrubada da ditadura fascista e têm defendido, como uma das tarefas principais das organizações unitárias, a luta pela amnistia e contra o terror policial fascista, a libertação de Luisa Paula, Cândida Ventura, Humberto Lopes, Aida Magro, Maria Luiza Soares, Ivone Dias Lourenço e outros patriotas que alcançaram a liberdade mercê de acções solidárias das massas populares e da solidariedade internacional, constitui um forte estímulo.

Porém, a libertação do líder operário Manuel Rodrigues da Silva e, agora, a conquista da liberdade de Maria da Piedade Gomes dos Santos, dadas as condições peculiares e proporções que a luta pela sua libertação atingiu, consagram, definitivamente, as teses defendidas por aqueles democratas.

Com efeito, os anti-fascistas que, dentro e fóra de Portugal, têm sustentado, como uma das frentes principais de combate contra a ditadura, as acções em favor dos presos políticos e a denúncia sistemática do regime, revelaram grande lucidez. Entenderam, em primeiro lugar, o valor e força da solidariedade humana; compreenderam e exercitaram o poder das massas populares e a força da opinião pública nacional; atentaram na força da solidariedade clássica.

No interior, persistindo na luta e denunciando perante a nação os crimes fascistas, aumentaram a revolta popular e trouxeram para a Oposição novos quadros que possibilitaram a estruturação de novas organizações, a ampliação das frentes de luta, o crescimento quantitativo e qualitativo das acções anti-fascistas.

No exterior, e em consequência da intensificação da luta interna as acções anti-salazaristas, atingiram pontos tão altos que podemos afirmar estar hoje o salazarismo tão desmoralizado perante os povos de todo o

mundo, que a sua propaganda, tão hábil e eficiente ainda há poucos anos — não consegue enganar ninguém. Mesmo aqueles círculos reacçãoários que o apoiam e sustentam e que detêm em suas mãos os meios de informação, não mais conseguem esconder dos povos a verdadeira face do fascismo português.

A preparação e realização da I Conferência Sul-Americana Pró-Amnistia (São Paulo — janeiro de 1960), da II Conferência Latino-Americana (Montevideo — janeiro de 1961), da Conferência dos Países da Europa Ocidental (Paris — novembro de 1962), foram o julgamento e condenação do salazarismo pela opinião pública mundial e constituíram um processo de esclarecimento e mobilização de apoio à luta do nosso povo que transcendeu os limites aparentes da Campanha Pró-Amnistia. Foi a partir da organização e realização destas Conferências que um forte e activo movimento de solidariedade internacional começou a cercar de simpatia e apoio efectivo a luta do povo português.

Desde então, e ao mesmo tempo que a opinião mundial toma conhecimento, quasi diariamente, das lutas que se processam contra o regime terrorista de Salazar, democratas de todo o mundo erguem a sua voz, individual ou colectivamente, para protestar contra as violências fascistas. Nenhum combatente anti-fascista se sente sózinho. Mesmo preso, ele sabe que o povo português zela pela sua vida e que milhões de homens e mulheres em todo o mundo se identificam com a causa que defende e lutam pela sua libertação.

Porém, não são apenas as vitórias alcançadas na conquista da liberdade dos presos e o estímulo dado à luta pelas acções de solidariedade que devem ser creditadas à conta das teses defendidas pelos democratas que baseiam toda a sua acção política na confiança que lhes inspiram as massas populares.

Os êxitos obtidos pela Oposição no terreno diplomático, o isolamento internacional do salazarismo e as sucessivas condenações que o regime fascista e colonialista de Salazar têm sofrido nos organismos internacionais, são outras tantas vitórias que não são estranhas às campanhas de esclarecimento baseadas na divulgação dos crimes fascistas.

O respeito, admiração e simpatia que hoje envolve a luta do nosso povo, impôs-se inclusive a certas áreas de governos, a forças políticas tradicionalmente comprometidas ou benevolentes para com o fascismo português. Por outro lado, o apoio político de que hoje goza a Oposição e se traduz em ajuda concreta, de todos conhecida, por parte de alguns governos e de organizações internacionais, embora se fundamente num dever de solidariedade dos seus dirigentes para com todos os povos oprimidos, reflete antes de tudo o peso da opinião dos próprios povos e filiados, esclarecidos e mobilizados pelas campanhas desenvolvidas no seu seio contra o terror policial fascista.

Sem dúvida que outros fatores, de ordem interna e externa, contribuíram para que o fascismo português viva a mais grave crise da sua história. Mas torna-se agora incontestável que a lucidez e justiça de orientação daqueles anti-fascistas que ao longo destes 38 anos de ditadura, nunca desarmaram, nem perderam a confiança no povo de Portugal e nos povos de todo o mundo, constituíram fatores decisivos para encurtar o caminho da libertação.

Nesta caminhada, homens como Manuel Rodrigues da Silva e mulheres como Maria da Piedade, têm um lugar à parte. Símbolos vivos do combate pela paz, pelo pão e pela liberdade, possibilitaram, com o seu exemplo e pela sua acção, que a luta do povo português atravessasse as fronteiras transformando-se num caso de consciência de toda a humanidade.

Um povo que dá ao mundo tais filhos não poderá permanecer por muito tempo oprimido. Os sofrimentos do presente, a dureza do combate quotidiano não poderão jamais quebrar — como diz Maria da Piedade Gomes dos Santos — "a nossa coragem, a nossa alegria nascida na confiança, a certeza de dias radiosos para o povo português".



Maria da Piedade Gomes dos Santos

Soldados Contra a Guerra Colonial

LISBOA (Do Correspondente) — A revolta do povo português contra a guerra colonial atinge presentemente tais proporções que as autoridades fascistas adoptaram a tática de dar cada vez menos relevo às "operações militares" que tempos atrás eram exaltadas em todos os tons pela imprensa. O povo compreendeu há muito que a cada "gloriosa" vitória obtida em Angola ou na Guiné se segue sempre com intervalo de escassos dias um novo comunicado do "serviço de Informação das Forças Armadas" com a lista dos militares mortos nesses encontros. Para cumulo, essas listas escondem muitas vezes a verdade completa, pois quando as perdas são elevadas, os nomes de algumas das vítimas são reservados para as semanas subsequentes no intuito de apresentar ao público uma distribuição mais equitativa.

Não é de estranhar que em tais circunstâncias a partida de novos contingentes para África seja olhada pelo povo como verdadeiro desastre nacional. Um impressionante dispositivo policial, reforçado quase sempre com elementos da Guarda Nacional Republicana e dirigido pela PIDE, rodeia agora todos os embarques. O Governo procura desse modo evitar que os incidentes que se verificam sempre nessas ocasiões — cada vez mais importantes — acabem por provocar a insubordinação de uma unidade completa no proprio momento da partida. O estado de espirito reinante nos quartéis explica-nos, aliás, esses receios. Nos ultimos meses as chamadas "manifestações de indisciplina" têm-se sucedido em ritmo ininterrupto. O julgamento dos oficiais e soldados que se recusaram a participar da guerra colonial na Guiné — capitão Amílcar Domingues, tenente medico dr. Rui Lemos, alferes Jorge da Silva, cabos Manuel da Cruz, Eduardo dos Santos e José Valente, e soldado Joaquim Boino — foi acompanhado atentamente em todas as unidades militares, causando a maior efervescência, apesar das proibições relativas à discussão do assunto, quando os comandantes verificaram que as simpatias gerais iam para os reus.

Entre as acções de "indisciplina" — que vão desde o levantamento de rancho aos choques pessoais dos soldados com a oficialidade podem-se citar as registradas no quartel dos Fuzileiros Navais, em Sacavem; na unidade de artilharia anti-aérea de Porto-Brandão; na Escola Prática de Infantaria de Mafra; em Infantaria 3 de Beja; em Lanceiros 1 e Caçadores 8 em Elvas.

Por outro lado, o descontentamento causado pela guerra colonial entre o pessoal da Marinha de Guerra, principia a traduzir-se em fatos. Os choques entre os marinheiros, quando de licença na cidade, e a Polícia são frequentes, tendo alguns deles degenerado em verdadeiras batalhas campais, presenciadas pela população civil que se coloca evidentemente ao lado dos marinheiros.

SALAZAR NA IMPRENSA MUNDIAL

Papel Decisivo

"Em São Paulo, falando sexta-feira a um grupo de portugueses anti-salazaristas, o presidente senegalês não perdeu a ocasião e declarou que nosso país perderá desempenhar papel decisivo no sentido de persuadir Portugal a conceder autonomia às suas colónias.

Em seguida, referindo-se à França, (país que sempre defendeu em sua terra, mesmo enfrentando contínuas críticas da oposição) Senghor chamou de "podres" as guerras travadas pelos franceses na Indochina e na Argélia, comparando-as imediatamente com a "guerra que Portugal trava atualmente na Guiné e em Angola".

O presidente-poeta, contudo, mantendo-se coerente com sua política de pacificação, declarou-se esperançoso de que tanto a Guiné como Angola se tornarão livres como a Argélia, num futuro próximo, e pacificamente". (In "Folha de São Paulo", 28/9/64)

O Bispo da Beira Contra Salazar

"Na campanha presidencial de 1958 o General Humberto Delgado, o candidato anti-salazar procedeu surpreendentemente bem nas províncias ultramarinas. Ele chegou mesmo a ter uma maioria de votos no centro comercial da Beira, segunda cidade de Moçambique. Isto não podia dizer-se que fosse acidental, desde que o Bispo católico da Beira é um dos mais famosos oponentes do Estado Novo de Salazar. Como prelado de Igreja,

"Women in Prison"

O Comité Britânico para a Anistia em Portugal (B.C.P.A.) tem realizado um trabalho persistente e de inestimável valia em favor dos presos e perseguidos políticos, que os democratas portugueses, em qualquer país em que se encontrem, não poderão ignorar ou deixar de tomar em alta consideração.

Em diversas campanhas, das quais destacamos, como exemplo, a realização mundialmente a favor da libertação de Manuel Rodrigues da Silva, o B.C.P.A. desempenhou um papel de importância determinante, quer pela sua atividade direta na campanha de esclarecimento e protesto, quer pelo fato de ter conseguido a adesão à luta pela anistia de inúmeras personalidades relevantes da vida inglesa entre líderes políticos e religiosos, escritores e artistas, além de partidos políticos e outras organizações, professores universitários, estudantes e milhares de homens e mulheres em toda a Inglaterra.

Nas atividades do B.C.P.A. insere-se a edição de uma série de folhetos analisando aspectos da repressão e das condições da luta política em Portugal. Iniciada com "Portugal: The Price of Opposition", da autoria de Helen Ward, em que era feita a análise do sistema repressivo no seu conjunto, a série teve continuação com "PORTUGAL: WOMEN IN PRISON", recém saído. Este segundo folheto é inteiramente dedicado às nossas compatriotas que têm sofrido nos cárceres fascistas e apareceu no auge da campanha mundial que acaba de forçar a PIDE e a justiça salazarista a restituir à liberdade Maria da Piedade Gomes.

"Portugal: Women in Prison", que traduziremos por "Portugal: Presas Políticas" inclui: análise das razões da clandestinidade na luta política, das condições morais e materiais em que decorre essa luta e dos sofrimentos que, uma vez na prisão, têm suportado as que se dedicam à conquista de um futuro melhor para o povo português; relato sobre o processo de Maria da Piedade Gomes; cartas escritas da prisão por diversas prisioneiras e dados biográficos relativos a mais de duas dezenas que passaram pelas prisões ou ainda lá se encontram.

Pela oportunidade em que saiu e pelo relevo dado ao caso de Maria da Piedade Gomes, este folheto foi uma valiosa contribuição para a sua liberdade.

Pedidos ao B.C.P.A., 30 Benson Road, London, E. A. 23. Custo do exemplar: 1 xelim.

em volta da qual os vibrantes e evolutivos elementos do catolicismo se ligaram ele está fora do alcance da PIDE. É ele o líder dos elementos liberais na comunidade branca portuguesa que sente que a política do governo, designada para manter Moçambique a todo o custo, é irracional. Alguns destes grupos argumentam que a civilização portuguesa e a religião podiam ser mantidas se Moçambique ficasse independente de Lisboa sob liderança branca local.

Mas há pouca razão para crer que as populações nativas de Moçambique prefeririam qualquer tipo de estatuto de Comonwealth." (In "The Reporter", 21/7/64)

PEQUENAS NOTÍCIAS

- O Diário do Governo publicou o decreto que aprova o Regulamento do Imposto dito da Defesa e Valorização do Ultramar. Nos termos do referido imposto passa incidir uma taxa de 0% sobre os lucros de grande numero de empresas, sendo abrangidas entre outras as que se dedicam aos seguintes ramos: pneumáticos; fosforos; oleos, petroleo, gasolina e derivados; armas; cerâmica de construção, decorativa e sanitária.

- O Governador da Guiné, o "pacificador" fascista Schultz abriu um credito extraordinário de 2.127 milhões de escudos para reforço da verba orçamentária destinada à Polícia local.

- A aldeia portuguesa de Vale Frechoso, segundo o jornal "O Seculo" corre perigo de não ter, dentro em breve, homens válidos para a lavoura, tal o ritmo de emigração clandestina para França.

- Segundo noticiam os jornais, a colheita do trigo foi este ano em Portugal uma das piores dos ultimos tempos, sendo desesperada a situação de milhares de pequenos proprietários e de camponeses sem terra.

- Um numeroso grupo de artistas de teatro tornou publico em Portugal o seu protesto pelo fato da censura proibir que sejam apresentadas no País peças dos seguintes autores: John Osborne, Tennessee Williams, Jean Paul Sartre, Bertold Brecht, Max Frisch e Friedrich Durrenmatt.

- A aliança Salazar-Ehrard, está cada vez mais firme. As demonstrações de apreço mutuo sucedem-se e o apoio de Bonn ao colonialismo português passa de ostensivo a entusiástico.

- Vinte e quatro jornalistas da Alemanha Federal seguiram para Angola e Moçambique, a convite do governo fascista português. Antes da partida, tiveram em Lisboa com o sr. Franco Nogueira um encontro que a agencia ANI definiu como "uma reunião de trabalho".

- A aliança militar Lisboa-Pretória também permanece sólida. Para uma visita oficial à União Sul Africana, seguiu de Lourenço Marques o general Machado de Barros, comandante da Região Aérea de Moçambique.

- As visitas às colónias dos quadros da Mocidade Portuguesa intensificam-se. A Lourenço Marques chegaram agora doze rapazes que frequentaram em Lisboa um "curso de estudos ultramarinos" promovido por aquela organização fascista.

- Morreu em Angola o 1.º cabo Brilhantino da Costa Almeida, que havia sido dado como desaparecido após uma acção nas margens do Zaire.

- Agrava-se em Portugal a crise da agricultura. Não podendo mais esconder a gravidade da situação, o Ministro da Economia acaba de fazer declarações confusas, prometendo dar "uma solução racional" à "crise da lavoura". Mas não explica como...

- O jornalista sul-africano Doc Immelman escreveu uma série de reportagens sugerindo os encantos de umas férias no país de turismo por excelência que vê em Angola. Da guerra que aí lavra, nem uma palavra...

O silêncio dos Estudantes em viagem

A propósito das circunstâncias que rodearam a recente visita ao Brasil de um grupo de estudantes do Porto, o Centro Republicano Português e a Unidade Democrática Portuguesa distribuíram à imprensa brasileira o seguinte comunicado:

"Passou há dias, em "tourné" pelo Brasil, por um teatro de São Paulo, o grupo teatral da Universidade do Porto, constituído por algumas dezenas de estudantes desta Universidade.

Erros varios dos organizadores da visita motivaram que a presença do grupo em São Paulo passasse quase despercebida e que, portanto, a colônia portuguesa desta cidade perdesse a oportunidade de saudar os jovens e simpáticos visitantes.

Algumas pessoas, porém, antigos estudantes universitários portugueses, conseguiram quebrar o gelo que parecia rodear o grupo e penetrar nas razões de tal isolamento.

É que, pouco antes da partida, o presidente da Assembléa Geral do Teatro Universitario do Porto fizera aos estudantes reunidos pelos menos três sábias e prudentes recomendações:

a) Não dar entrevistas à imprensa nem responder a jornalistas brasileiros;

b) Reduzir ao indispensavel o convívio com estudantes brasileiros;

c) Responder evasivamente às perguntas de carater politico, salientando não se interessarem por questões políticas mas apenas pelos seus estudos e pelo seu grupo teatral.

Salazar e a PIDE preferem, pois, que estudantes universitários portugueses se apresentem no estrangeiro como cretinos, que felizmente não são, a que tomem contacto com estudantes livres ou que alguma coisa transpareça da tragica realidade portuguesa"

O TRÁFICO DOS PORTUGUESES

e evolui-se na mente da portadora do tráfico de escravos e a se moite de cal. er que cambi-de es-

(64)

publicou Regulamento de os ter- lucros as, sen- que se pneu- leo, ga- ramica sanita-

o "pa- z abriu 2.127 rço da a Poli-

Vale nal "O r, den- para a gração

nais, a le ano os ulti- a si- prom- ter-

rtistas co em ato da senta- es au- Wil- ertold i Dur-

está mon- sem- se alismo a en-

a Ale- para te do tes da o sr. que a a reu-

etória Para Afri- ques o man- oçam-

ladros intensi- che- fre- so de o por

o Bri- que ecido is do

se da mais ão, o fazer o dar e da o...

Doc ie de os de por Da pa-

Sob o título "O Tráfico dos Portugueses" a revista francesa "Match", a mais importante publicação do género que se edita na Europa, dedicou recentemente extensa reportagem à emigração clandestina de portugueses para França. Embora não se trate de um documento político, essa reportagem, pelo simples facto de descrever as situações dramáticas e aviltantes vividas pelos portugueses que saem clandestinamente para França, constitui um libelo esmagador contra um regime, como o de Salazar, que coloca milhares de jovens perante a alternativa de ficar no País e morrer lentamente de miséria ou procurar a "terra prometida", como diz Robert Collin, em França. Mas o preço da fuga é caro: a venda das ultimas geiras de terra, a separação da mulher e dos filhos e as humilhações de uma viagem em que o ser humano é reduzido à condição de gado. Deixam atrás esses emigrantes saudades e miséria; à frente têm apenas interrogações e a possibilidade sempre presente de um encontro com a policia, seguido do regresso.

Esse o panorama de Portugal que a maior revista da França apresenta a Europa: o de um País cuja força produtiva essencial a sua juventude, se expatria em busca de um lugar ao sol, prestando-se a suportar, na sua ansia de fuga, aquilo a que nem os animais são submetidos nas nações civilizadas. Transcrevemos abaixo a referida reportagem na integra, chamando para a de modo particular, a atenção dos portugueses do Brasil. É assim, desgraciadamente, que os nossos emigrantes se apresentam aos olhos da Europa. Por culpa exclusiva de Salazar e de 38 anos de fascismo!

Cinquenta mil homens passaram clandestinamente a fronteira france-

A viagem foi organizada pelos "passadores", verdadeiros traficantes, nos tempos modernos. O assunto tornou-se grave. Em Paris, na semana passada, o Conselho de Ministros convocou-o. O nosso reporter seguiu a pista desde Portugal. Conta a viagem de João Esteves. Vindo da sua aldeia aninhada no flanco da serra do Gerez, donde a miséria o rechaçou para o bairro de lata de Champigny, capital portuguesa da beira do Marne. As colheitas foram transportadas a costas dos homens, portanto também às costas dele. João Esteves decidiu que o momento de tentar a aventura não podia ser adiado. Tinha trinta e dois anos. E já avançada esta idade para deixar Portugal e isso significava apenas que se atingiu o limite máximo do sofrimento, que já muitos outros partiram antes, regressaram, mas se sabe já tudo sobre essa França tão rica "em que a vida é cara, mas onde se ganha mais do que no Brasil". João, primeiro, quis fazer tudo por via legal. Pediu um passaporte para Lourdes, à Camara Municipal de Melgaço. João tinha direito a ele; era um homem piedoso, fiel à devoção da Senhora da Boa Morte, fiel à devoção da Senhora das Sete Dores, oferecendo sem se queixar o pão nas festas e nada tendo a esconder do seu cura. O seu pedido, que o padre Anibal preencheria por ele, voltou regeitado, não tomaram conhecimento dele. Todos sabiam, na sede de Melgaço, que um homem como João Esteves, com as suas duas vacas, cinco ovelhas, e a sua ignorância por toda a riqueza, não tinha com que ir a Lourdes. Actualmente Portugal opõe-se à partida dos muito pobres e dos muito incultos. Talvez seja que irão envergonhá-lo.

Então, ele começou a ouvir a voz surda mas insistente da clandestinidade. Mais de 200 dos 600 homens de Castro Laboreiro, essa aldeia de miséria em que os maiores proprietários possuem dois hectares de prados magros e centelo ralo disputados às pedras, entraram já em França sem passaporte. Precisam de 2.000 F. Foi em Melgaço, que num dia de mercado, João encontrou o seu "engajador", um certo senhor Rodrigues.

— Passar para França? Fácil! repelia o homem de cada vez que a discussão se arrastava, porque João levava tempo a medir a primeira etapa do seu sacrificio: o que ele devia vender para conseguir apenas a metade da soma o número de amigos que devia procurar para reunir o resto, quantos dias de trabalho o francês teria de amontoar para repôr tudo isso.

Mas estava cansado dessa conversa a dois, quotidiana, na velha casa de seu pai, com Maria vestida de farrapos. Maria que só tinha rosto nos dias de festa, porque nessa altura, punha o vestido bordado com as cores do Minho — esses azuis, esses vermelhos e esses verdes entrelaçados que cantam a alegria que no fundo se desejaria ter ainda.

Já estava cansado de ver os seus olhos alimentados a caldo e água (as vacas de chifres em forma de lira trabalhavam tanto que só conseguiam dar por dia 2 litros de leite); estava cansado daquelas paredes enegrecidas porque não havia chaminé e a mulher cozinava a um canto.

A PROVA DO EXITO UMA FOTOGRAFIA RASGADA

Castro Laboreiro recruta homens corajosos nos flancos da inhumana e desértica serra do Gerez que não é ainda a parte mais pobre do mundo português. Há lugares ainda piores, do lado da Guarda, no granito da Beira Alta. Os homens dessas regiões expatriam-se pelas mesmas razões, ou

seja para ganhar mais. E o "engajador" de faces gordas, de mãos cuidadas, com um belo fato à moda de Lisboa, não inventa quando procura persuadir João num canto do Café Melgacense, em que o ruído das vozes e o silvo da máquina do café os protegem de toda a curiosidade.

— Aqui, não consegues arranjar quinhentos escudos (180 F) no fim do mês. Um trabalhador do campo (braçal) ganha 150 F por mês, um operário de Lisboa 250 F. Se trabalhares em França, podes mandar para a terra todos os meses 500 F ou até mais.

— E se me apanham?

— Regressas, voltas a passar, asseguram-te a tua manutenção e o teu contrato de trabalho.

João sabia muito bem tudo isso, de certo modo. Pensa em todos os que partiram para trabalhar e voltaram e tornaram a partir; há também os que não voltaram, mas que não de regressar um dia, num Peugeot ou num Renault com uma aparência tão próspera como a do "engajador".

João tem consigo os contos de reis necessários: 12 contos em notas de conto. Formam dois grandes pacotes em cima da mesa, entrega um (6.000 escudos) às mãos húmidas do "engajador". Com o dinheiro, vai também metade de uma fotografia (exatamente a metade da frente e da boca) que João tirou na quarta feira anterior, dia de mercado em Melgaço, no António Pires, fotógrafo de pais a filhos.

— Entendidos — diz o "engajador" e quando mandares a outra metade da fotografia, a tua mulher entrega o resto do dinheiro.

NAS ALGIBEIRAS FARNEL PARA TRÊS DIAS

O "engajador" parte primeiro no seu Volkswagen salmão, último modelo. Quatro dias depois, João Esteves está à porta da sua quinta, sente-se bem no seu fato domingueiro castanho com quadrados verdes, mas sente-se pesado; basta dizer que Maria lhe fez vestir quatro camisas e três camisetas interiores, pois um emigrante só tem o seu corpo como bagagem. As algibeiras vão cheias de dinheiro — 1.500 escudos (280 F) — que restam da venda das duas cotadas sacrificadas à aventura. João beija os filhos.

— Hei-de mandar-vos a torre Eiffel...

A seguir vai apanhar o autocarro para Melgaço.

Maria entrou na sua casa esfumacada, fechou a porta como se receasse agora os ladrões. Encerrou-se no quarto, os filhos ouviram-na mexer nos móveis, nos armários. Quando a mãe reaparece, está vestida de preto da cabeça aos pés. Fausto, de doze anos, o mais velho dos rapazes, domina-se para não chorar, quer ser forte, mas ele sabe já o que todas as crianças dali aprendem na escola: "Quando a tua mãe deitar luto, só o tira quando teu pai voltar".

É já à noite, muito tarde, que João se reúne aos seus primeiros companheiros. À meia noite, a guarda fiscal dorme na caserna.

De Melgaço partiram três no passo tranquilo dos aldeões que vão ver se chove amanhã. Em Pêso, no local do encontro, próximo do vale sobre o Minho, são sete, com os que vieram de Monção. Três pontos comuns: todos vêm da parte do senhor Rodrigues, todos estão atabalhados de roupas de muda, e no bolso de cada um deles, encontra-se comida para três ou quatro dias: frango assado, chouriço, pedaços de carne, e peixe frito, amontoados como bolas de bilhar. Não se vê a guarda fiscal, mas sente-se que ela está ali a 200 metros, bem aconchegada nessa noite de primavera nos seus miradouros.

É a altura de passar a primeira

fronteira, de se atirarem à água. Um homem surge da sombra, atrás de um rochedo, com cara de espanhol, um galego. Vem da parte do senhor Rodrigues. A água de Abril está gelada, mas esta noite Deus é bom. Junto do miradouro passou primeiro o guia. Dá a mão a João, que a dá ao seguinte.

— Dispersem-se — diz o guia logo que tocaram terra espanhola, que sob os pés parece quente, doce como um bálsamo após as feridas provocadas pelas pedras. Encontramo-nos no alto da colina, junto da árvore grande que domina o bosque.

— E depois apanhamos o camião?

O PASSADOR PROTESTA: NÃO FOI BEM PAGO

O camião está 25 quilómetros mais longe do que os clandestinos pensavam quando o viram chegar. Um grande furgão de mudanças, vermelho, todo fechado.

— Ao menos, vamos quentes — diz João.

— Depressa, mais depressa, recomenda o passador. É certo que se ouvia ao longe o ruído de uma motocicleta na estrada. E se fosse a guarda civil? O camião pôs-se em andamento pela estrada dos bons salários de França. Os homens sentaram-se na espécie de bancos que adivinhavam na sombra. O camião dá curvas e mais curvas, faz um barulho de avião a jacto, nas encostas e nas subidas, numa chiadeira infernal. De repente, sacoleja, pára, com o motor em andamento. O motorista abre a porta detrás e grita:

— Para baixo! Para baixo!

Por que grita assim, tão alto? Afinal pagaram-lhe. Com certeza não foi bastante. Ele logo explica: — Amigos, façam isso por humanidade. Com o que me dão para fazer este trabalho não pago os meus riscos.

João entrega com a morte na alma, uma nota de quinhentos escudos, uma nota amarela. O homem não afasta os olhos da carteira abarrotada.

AS CAMAS: COBERTORES DOBRADOS NO CHÃO

— Não, não sou um "passador", sou um humanista. E 1.000 escudos cada.

Procede-se à coleta e depois: — Adeus Portugueses! — Adeus humanista!

Os sete ficaram sózinhos na ruela sombria que domina as luzes de Orense. Orense uma cidade espanhola iluminada a néon como a América; por toda a parte muita gente, muitos automóveis.

Nesse momento o diabo saiu das trevas. Desta vez tomara a forma de um rapaz novo, de voz macia, quase feminina.

— Venho da parte do sr. Rodrigues. Acalmem-se companheiros, vamos dormir e depois aguardar sem inquietações num belo quarto, uma bela "camioneta" que os levará a França.

A dois e três, como bons camponeses, em passeio, atravessaram a rua principal de Orense, cheia de gente nova, bordejada de cafés com terraços floridos de lindas mulheres bebendo com elegância líquidos de várias cores.

O rapaz da voz doce tinha chegado à meta. Atrás da catedral, numa ruela cheia de bares que poderia ser transplantada para Nova Iorque, empurrou uma pequena porta:

— Desculpem-nos meus senhores, mas somos obrigados a ser discretos, muito discretos.

Ao fundo de um longo corredor, havia um grande quarto, mobilado com uma mesa velha, um jarro de água, uma cadeira muito espanhola, mas vacilante e vários cobertores estendidos no chão.

— Boa noite, meus senhores. Só dois dias mais tarde, ao meio dia, o pequeno grupo se pôs em marcha. Atravessaram a pé toda a cidade, para ir à estação do "Norte", enfiar-se numa carruagem de terceira classe, toda de madeira, com estribos.

— Arrajem o ar de espanhóis autênticos! — recomendou o rapaz.

Um dia de combóio, em que estavam menos atentos à paisagem de Leão e seus montes escavados, Castela e o seu grande deserto vivo, que à passagem de um polícia. À meia noite desceram como bons operários, numa gare sombria em pleno deserto. Era ali que os esperava o camião de salvação, um camião de telhas.

— É este o carro de turismo, gritou João. Pagamos...

— Vamos, sigam. De resto não irão sózinhos. E levantou a pesada lona. Debaixo das telhas havia um teto. Entre este e o tejadilho do ca-

pour eux la France est la terre promise

LE MATCH LE TRAFIC DES PORTUGAIS

Il y a cinquante mille qui ont passé en fraude la frontière française. Leur voyage est organisé par des passeurs, véritables trafiquants d'hommes des temps modernes. L'affaire est grave. A Paris, le conseil des ministres a convoqué le conseil des ministres l'après-midi. Notre reporter a depuis le Portugal, suivi le chemin. Il raconte le voyage de João Esteves. Depuis son village accoché au flanc de la Serra de Gerez il va à Champigny-sur-Marne jusqu'à la station de Champigny, capitale portugaise des bords de la Marne.



ROBERT COLLIN

A gravura acima reproduz a abertura da reportagem do "Match" que transcrevemos nesta página.

mião havia uma altura de um metro e trinta. Os homens entraram de joelhos. O primeiro da fila, a certa altura, soltou um grito. Depois, com mais cautela, encostou-se ao fundo desta gaiola: acabava de encontrar outros portugueses.

300 QUILÓMETROS NUM CAMIÃO DE FUNDO DUPLO

O jovem "passador" desapareceu, o motorista fechou o seu camião disfarçado, depois durante muito tempo ainda, dispôs telhas por cima e por baixo, pôs o camião em marcha, e agarrou no volante do seu e veloz túmulo, lançando-se pela nacional 620, a grande artéria Madrid-San Sébastien, 300 quilómetros sem paragens.

Dentro, debaixo das telhas fazia um calor de forno. Por sorte, os outros que já se encontravam no interior do camião, tinham ainda um pouco de vinho dentro de um garrafão. Como não podiam fumar, falavam sem se ver. São os homens da Guarda. Tinha feito trinta quilómetros a pé, pela montanha, até esse camião. São dezoito. Abafa-se, mas para viver melhor, até isto se aceita.

300 quilómetros que somam seis horas e meia, quando finalmente se tiram as telhas... O camião está no meio de um atalho. No fim do atalho há uma cidade toda iluminada onde se distinguem avenidas direitas e simétricas.

— Sam-Sébastien? — Não, Pamplona. — E França? — França? Amanhã. — Não dormir! Andar!

Tanto em espanhol como em português, andar, tanto significa andar como partir. Nessa noite andar significava mesmo andar. Mas para tomar coragem apanharam primeiro táxis.

Quatro carros. Sete nos dois primeiros, seis no terceiro e cinco no quarto. Na interminável estrada da noite que entrava nos pinhais de Guipozcoa pareciam compor um grupo alegre, o braço à volta do pescoco do companheiro para arranjar lugar e deixar mais espaço livre ao condutor. Atravessaram Elizondo, uma espécie de Melgaço vasco. Havia um guarda na estrada.

— Tive medo — confessa João. — Está pago por nós.

Os táxis seguem por uma pequena estrada que se lança no bosque ao assalto da montanha, depois um caminho de terra batida. Ali está uma granja. É ali.

É ali que se encontra o passador vasco. É espanhol ou francês? É vasco, é tudo o que se sabe. O passaporte é o seu gorro e realmente deve precisar bastante dele, pois faz um frio terrível. Os homens do Minho e os da Guarda sentem-se nus apesar das roupas que trazem vestidas. Há quem faça uma oração mental à Senhora de Fátima. Há outros que parecem rezar porque os dentes bate castanholas.

— Temos de andar muito e até subir.

Em França, se forem apanhados, primeiro vem a prisão e depois eles mandam-vos de volta outra vez, diz

o passador. Mas tudo há-de correr bem. A guarda fiscal francesa esta noite está ocupada do lado de Saint-Jean-Pied-de-Port onde foi organizado um grande ajustamento fictício, uma das armadilhas em que se deixam prender quase sempre. A carreira de cabras sobe 30 degraus. Nove horas de marcha. É o itinerário mais seguro. Sobem um monte sem fôlego. Descem. Há um segundo monte mais acantilado ainda que o primeiro. O que é uma fronteira? Para o compreender é preciso ter suportado o calvário destes homens petrificados de frio e medo, sem armas e quase sem sapatos estrebuchando e levantando-se, caindo e levantando-se de novo, impelidos cada vez mais fortemente pelo tempo que passa, a aurora que vai clareando, o encontro com os outros passadores do outro lado.

Passaram todos. Atrás da Venta, o armazém espanhol, como estava previsto. Metem-se à água até os joelhos, o rio estava gelado, ainda mais gelado que o Minho da sua infância. Ainda mais alguns metros de bosque e eis a granja onde vão passar o dia sem falar, a dormir e a comer as últimas provisões. Nessa noite devia chegar o camião francês.

O camião estava a doze quilómetros na estrada de Bayonne. Iam ao seu encontro através dos campos e das sebes.

— A França é muito esquisita — pensava João.

9.000 COMPATRIOTAS ACOLHEM-NOS EM CHAMPIGNY

— Vamos! Diretos a Paris! — diz o condutor francês, um grande entregador louro. Depois fecha a porta corrediça. Por fóra lia-se em letras grandes: "Entregas em todo o país". De cada vez que o camião parava, julgavam ver os quépis dos gendarmes franceses.

O primeiro que iriam ver, seria vinte e quatro horas mais tarde, à chegada a Champigny-sur-Marne, que não é Paris, mas onde vivem 9.000 emigrados portugueses. Na mesma noite, recebidos pelos seus compatriotas, os clandestinos foram festejados com vinho tinto e cozido, prato nacional feito de ovos cozidos, vaca e legumes cozidos (é o tempo da cozedura que garante o êxito do prato).

— Amanhã, vais já ter trabalho, amanhã tens contrato, amanhã tens papeis.

Isto é verdade, já não é a organização do sr. Rodrigues que fala, são os amigos do país, os antigos "os velhos Franceses" que o dizem.

É no dia seguinte à noite que João põe na caixa do correio uma carta para Maria, que um amigo acabara de escrever, ditada por ele, numa mesa na barraca, que iria ser agora a sua residência em França. Contentou-se em fazer uma rubrica que era tudo o que sabia e de meter no envelope a segunda metade da sua fotografia. Maria podia agora pagar os 800 F da outra metade da quantia ao homem sem nome, nem fé, nem lei mas no entanto muito útil que se apresentaria da parte do sr. Rodrigues.

Pela amnistia e contra a repressão

A Libertação de Maria da Piedade Santos

Com a libertação de Maria da Piedade Gomes dos Santos, primeiros dias de setembro, acaba o povo de Portugal de alcançar uma grande vitória. Cabe recordar que foi a extraordinária mobilização de esforços e vontade, no plano interno, logo que a PIDE exigiu novo período de "medidas de segurança" para aquela patriota, que serviu de alavanca à impressionante campanha internacional que se lhe seguiu e durante a qual milhares de apelos e protestos foram remetidos ao governo fascista de Salazar e, principalmente, aos juizes Cunha Ferreira e Azevedo Soares do Tribunal Plenário do Porto e do 2.º Juízo Criminal daquela cidade.

Na parte que se refere ao Brasil, tudo fizeram os democratas portugueses para levar oportunamente o caso de Maria da Piedade Gomes dos Santos ao conhecimento da opinião pública deste país. Esta, é consolador registá-lo, reagiu prontamente, manifestando a sua solidariedade àquele heroica vítima do fascismo das mais diversas maneiras. Segundo informações recebidas de Portugal, as autoridades fascistas teriam ficado particularmente impressionadas com o apelo endereçado em julho aos juizes acima citados por um numeroso grupo de intelectuais brasileiros. Neste momento de jubilo para todos os patriotas portugueses, "Portugal Democrático" espera que a libertação de Maria da Piedade Gomes dos Santos sirva de estímulo para que novas derrotas sejam infligidas a Salazar e ao seu sinistro aparelho de terror policial.

Patriotas Condenados

No Tribunal Plenário Auxiliar do Porto realizou-se o julgamento de três operários corticeiros acusados de "actividades subversivas contra a segurança do Estado". Foram todos condenados, após uma das farsas habituais da justiça salazarista: Manuel Calvário em 16 meses de prisão; Joaquim Cabrita Lourenço, em 22 meses; e José Antonio Neto Correia, em 14 meses. Apenas o primeiro saiu em liberdade por já ter cumprido o tempo de prisão enquanto aguardava julgamento...

Solidariedade aos Heróis de Peniche

Durante o mês de setembro prosseguiu a grande campanha de solidariedade internacional aos patriotas portugueses transferidos de Peniche para Caxias após os acontecimentos verificados no primeiro daqueles presidios e que levaram os presos a rebelar-se contra o tratamento desumano que lhes vinha sendo infligido.

Tanto o ministro do Interior, como o diretor da fortaleza de Peniche, o esbirro Manuel da Encarnação Falcão, continuam a receber cartas e abaixo assinados, exigindo o fim do terror policial. Essa corrente de solidariedade deve prosseguir e intensificar-se. Aos nossos leitores pedimos que não esqueçam os doze heróis que estão na origem do movimento. Citá-los nas cartas remetidas às autoridades fascistas é uma das formas de ajudá-los. Eis, uma vez mais, os seus nomes: JOAQUIM PIRES JORGE, FERNANDO BLANQUI TEIXEIRA, OCTAVIO RODRIGUES PATO, AMERICO DE SOUSA, GUILHERME DA COSTA CARVALHO, CARLOS COSTA, CARLOS ABOIM INGLÉS, JOSÉ MAGRO, ORLANDO LINDIM RAMOS, JULIO MARTINS, ALBERTO VILAÇA e JOAO HONRADO.

Na Holanda

O "Angola Comité", fundado em Amsterdam, na Holanda, por democratas portugueses ali residentes desenvolveu no mês de setembro intensa actividade tanto no que se refere à denúncia da guerra colonial e, particularmente, às atrocidades cometi-

das em Angola pelos militares e colonos fascistas, como também no esclarecimento da opinião holandesa sobre a repressão policial existente em Portugal. Uma das iniciativas levadas a efeito foi a distribuição aos advogados da Holanda (e mais 3.000 pessoas) do relatório do conhecido jurista belga dr. Wolters acerca do panorama jurídico-penal português e que, na altura alcançou repercussão internacional. Por outro lado a entidade dirigida convite ao dr. Eduardo Mondlane, presidente da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) para visitar a Holanda devendo a viagem ter-se já realizado no momento em que fechamos este número do nosso jornal.

Outra iniciativa do "Angola Comité": a criação na sua sede de uma biblioteca constituída de obras em que se esclareça a natureza do fascismo e do colonialismo de Salazar, para informação dos portugueses residentes na Holanda.

Na Inglaterra

O Comité Britânico para a Amnistia aos Presos Políticos Portugueses (BCPA) desenvolveu nos meses de agosto e setembro intensa actividade,

contribuindo decisivamente para a imensa quantidade de cartas e telegramas enviadas ao ministro do Interior e à Embaixada de Salazar em Londres, protestando contra a repressão em Portugal e, particularmente contra as "medidas de segurança" e o tratamento bárbaro infligido aos patriotas presos em Peniche.

Entre as numerosas secções do Partido Trabalhista que se associaram a essa campanha contam-se as de Finchley, Kirkcaldy e Reigate, bem como a Kirkcaldy Cooperative Society e os Trades Councils de St Pancras e Holborn.

Uma carta do BCPA publicada no jornal "Peace News" teve grande repercussão junto da opinião pública, motivando muitos pedidos de informações, inclusive da Austrália, de pessoas desejosas de ajudar os prisioneiros e suas famílias. O numero de presos "adoptados" por entidades e personalidades britânicas é presentemente bastante considerável e continua a aumentar regularmente.

O semanário "The Freethinker", por sua vez, transcreveu um artigo sobre a repressão em Portugal, publicado no numero de Abril-Maio do "Portugal and Colonial Bulletin", órgão dos democratas portugueses do Reino Unido.

SOLIDARIEDADE DA ARGENTINA

No dia 15 de agosto passado, realizou-se na Aula Magna da Faculdade de Ciências Exactas de Buenos Aires a Assembléa Geral da Organização Argentina para a Amnistia Geral em Espanha e Portugal. Depois de tomar conhecimento do informe da comissão directiva, baseado no trabalho do dr. Conrado Gomez, que publicamos noutro lugar e das sugestões da comissão de resoluções gerais, o conclave aprovou por unanimidade o importante documento que abaixo reproduzimos:

"Em virtude de tudo o que foi exposto, a Assembléa Geral

DECLARA

Que a situação vigente em Espanha e Portugal, no que diz respeito aos direitos e garantias protetoras da pessoa humana e da livre expressão de pensamento, constitui uma flagrante violação dos princípios estabelecidos na Declaração Universal dos Direitos do Homem e que no caso particular da Espanha, pela violação do princípio da retroatividade da lei penal mais benigna, a nova legislação que cria o Tribunal de Ordem Pública, não diminui o alcance desta declaração. Tanto mais que nos dois países continuam a aplicar-se processos baseados nas torturas físicas e nos vexames impostos aos presos políticos, como foi recentemente comprovado no julgamento dos mineiros asturianos e nas etapas prévias que deram lugar ao processo de Beja, em Portugal.

Que se torna imprescindível o desenvolvimento de uma campanha de esclarecimento dos ambitos jurídicos da República Argentina, a fim de que estes, pelos meios apropriados das associações e gremios de profissionais, advogados, Universidades e colégios, enviem um protesto às autoridades de Espanha e Portugal e manifestem a sua solidariedade aos juristas espanhóis e portugueses e suas associações e colégios.

Que se impõe por outro lado, a reiteração das denúncias que oportunamente se fizeram perante a Comissão dos Direitos do Homem e ante a Assembléa Geral das Nações Unidas, a fim de que este corpo internacional proceda à realização de uma exaustiva investigação da situação descrita e imponha aos governos da Península Ibérica a obrigação de cessar a aplicação de leis e processos que entrem em luta com os princípios universais que os ditos governos se obrigaram a respeitar na sua qualidade de membros da entidade mundial. Assim, esta Assembléa Geral,

RESOLVE

Primeiro:

Comunicar esta situação aos Colégios e Associações Profissionais de Advogados, aos Parlamentares e Corpo Legislativo do país, às Faculdades

de Direito e seu corpo docente, remetendo-lhes o informe que se elabora por resolução desta Assembléa.

Segundo:

Promover contactos directos entre os advogados, as Associações profissionais e Colégios de Advogados do país e seus congéneres em Espanha e Portugal, a fim de manifestar aos mesmos a sua adesão ao desejo do restabelecimento das liberdades públicas e do respeito aos direitos humanos dos dois países.

Terceiro:

Promover especialmente a ação dos meios jurídicos argentinos para a libertação dos advogados presos por razões políticas e/ou vinculadas à sua actuação forense e contra as restrições impostas ao exercício da sua função como garantia do direito de defesa.

Quarto:

Encomendar à Comissão Jurídica da Organização a edição de uma publicação sobre a situação reinante em Espanha e Portugal a fim de que obtenha uma mais ampla difusão.

Quinto:

Promover um movimento de opinião a favor da revisão dos processos iniciados pelos Conselhos de Guerra em Espanha, com violação das normas processuais vigentes e para obter a anulação das sentenças das condenações determinadas por esses Conselhos de Guerra.

Leia

"Missão em Portugal" de Alvaro Lins

"Ibéria, Anistia, Revolução" de Jonas Negalha

"Salazar Visto do Brasil"

"Angola Através dos Textos"

"Os Últimos Dias do Fascismo Português", de Maria Archer

"Quando os Lobos Julgam", (a defesa de Aquilino Ribeiro)

"Guerra em Angola" Mario Moutinho de Pádua

"A Resistência em Portugal", crónicas de Dias Coelho, patriota assassinado pela Pide.

PEDIDOS À NOSSA REDAÇÃO



"Prisão", gravura de Augustin Ibarrola, publicada no n.º 4 do Boletim da Organização para a Amnistia Geral em Portugal e Espanha, editado em Buenos Aires.

Violação dos Direitos Humanos em Portugal

Em Abril do ano corrente uma comissão de juristas de vários países visitou Portugal em missão da Associação Internacional dos Juristas Democráticos a fim de elaborar um informe sobre a situação existente no tocante aos direitos humanos e às liberdades públicas. Salazar não só se opôs a que os visitantes divulgassem o trabalho programado como ordenou a sua expulsão do País. Um dos membros da missão, o advogado argentino Conrado Gomez expôs mais tarde, o resultado das pesquisas realizadas num relatório. São desse importante documento os trechos que abaixo publicamos:

"Ante as repetidas denúncias de numerosos organismos internacionais sobre violações dos direitos do homem em Portugal, a Associação Internacional dos Juristas Democráticos, no final do seu VIII Congresso, realizado em Budapeste, de 31 de Março a 5 de Abril de 1964, designou delegado para que, em colaboração com os drs. Robert Kenny, ex-fiscal da Califórnia, USA, e membro da American Bar Association; Robert Theufat, advogado de São Francisco e membro da Penal Bar Association dos USA, e Norman Endicott, de Toronto, Canadá, membro da Canadian Bar Association, realizassem uma investigação e, posteriormente, produzissem um informe sobre violações dos direitos humanos em Portugal e vigência de liberdades públicas naquele país. Visitamos famílias de presos políticos, antigos presos, advogados defensores de presos, políticos, dirigentes políticos da oposição e inclusive, funcionários do governo português. Concluídas as nossas investigações quisemos dá-las a conhecer em Portugal. No dia 10 de Abril convocámos a imprensa para o dia seguinte a fim de lhe comunicarmos o resultado dos nossos trabalhos. Nessa mesma noite, um polícia, em nome da PIDE (Policia Internacional e de Defesa do Estado) procurou-me para me comunicar que o governo português havia decidido proibir a conferência de imprensa. No dia seguinte, quando chegaram os jornalistas, e na presença dos funcionários policiais, comunicamos à imprensa a decisão do governo português, manifestando-lhes que ela representava a confirmação de que em Portugal se violam os direitos humanos e não existe nenhuma liberdade pública. Sinteticamente podemos exprimir que o regime de terror imperante era um dos mais monstruosos e sinistros que se possa imaginar. Em face da nossa atitude, os policiais postados no Hotel Tivoli, onde estávamos hospedados, pretenderam que nos considerassemos voluntariamente detidos na Central de Polícia, e em face da nossa recusa terminante, pediram reforços que logo chegaram com todo o aparato próprio do aparelho de repressão fascista. Prenderam-nos e levaram-nos incomunicáveis para o aeroporto, expulsando-nos imediatamente de Portugal.

Esse foi o aspecto anecdótico de um episódio que teve repercussão internacional, mas o importante é que o mundo saiba o que se passa em Portugal.

A LEGISLAÇÃO PENAL

O direito penal português não é um direito penal civilizado. Dir-se-ia

que a experiencia cultural do mundo não teve validade para este país. Não diremos que em Portugal não há nenhum direito garantido constitucionalmente, pois as garantias existem para que sejam respeitados os direitos. Pobre daquele que, devido às suas idéias, é preso em Portugal! Ali punem-se as pessoas pelo que são e não pelo que fazem. Em Portugal poderia muito bem não existir a definição de qualquer figura penal, uma vez que por aplicação legislativa das teorias de periculosidade, qualquer pessoa pode ser encarcerada apenas pelo desejo arbitrário da policia. O chamado regime das medidas de segurança constitui a mais bárbara e flagrante violação dos direitos humanos que se pode imaginar. Qualquer pessoa, mesmo que não existam provas contra ela, pode ser encarcerada por períodos de três anos renováveis indefinidamente. Para essa privação da sua liberdade pessoal basta a mera imputação da policia em requerimento desta. Mesmo que o resto da legislação penal fosse boa, a simples existência dessa instituição das medidas de segurança prostituiria todo o sistema. As pessoas são detidas sem mandato de captura das autoridades competentes, os domicilios violados e invadidos pela simples vontade do inquisidor de serviço, e roubados os papéis pessoais, pesquisando-se a vida íntima de cada um com a maior insensibilidade. Em Portugal prevaleça, ao invés do princípio fundamental de todo o direito civilizado, a proibição de tudo o que não é expressamente permitido. Em Portugal pode-se matar gente nas ruas desde que se trate de adversarios do regime, sem que ninguém se preocupe com a identidade dos assassinos. Das casas de Lisboa são arrancados para a prisão mulheres e homens que muitas vezes passam semanas e meses sem que se venha a saber onde se encontram. Reina o sistema de terror organizado. A delação é alimentada com salarios e, mediante a tortura, os amigos denunciam os amigos, sendo essas provas usadas para novas condenações. Só gozam de paz os servidores do regime que gozam de tanto mais prebendas quanto mais obsequiosos se mostram. Portugal, antigo fanal do mundo, antigo senhor dos mares, é hoje um paraíso de sombras, imagens de cadeias, claustro europeu onde se refugiou tudo o que de cruel teve a Idade Média. Paradoxalmente, os delinquentes comuns não são lançados às masmorras mesmo que tenham violado mulheres, matado o seu semelhante ou defraudado a fé pública. As masmorras são reservadas para as mulheres e os homens que pensam, mas que não pensam como o tirano... A policia reclama as penas e os juizes, submissamente, acatam o que diz a policia. Num país onde os diários importantes, ainda em 1964 publicam nas suas primeiras páginas editoriais enaltecendo Mussolini é perfeitamente admissível que exista uma legislação penal de tipo fascista. Os delitos contra a segurança do Estado constituem o receituário mais frondoso da legislação. É evidente que os Estados que não estão seguros são aqueles que necessitam criar mais instrumentos jurídicos para a sua preservação. Realmente, o povo português não merece a afronta e os vexames que está sofrendo e, por isso,

(Continua na pag. 7)

COLONIALISMO E ANTI-COLONIALISMO

Moçambique

CONTRA QUEM LUTAR?

O Boletim Nacional da FRELIMO, editado em Dar-es-Salaam, publicou no seu numero de setembro passado um editorial intitulado "Contra quem lutamos?" em que, respondendo a pergunta formulada, se enumeram os inimigos do povo moçambicano. Transcrevemos abaixo as considerações do articulista sobre o papel desempenhado pelo aparelho militar do fascismo português, apontado como a maior força opressiva de Moçambique:

"Até há pouco tempo eram as forças repressivas do colonialismo português, que se limitava a ter pequenos contingentes militares na chamada "missão de soberania". Contudo desde que os nossos irmãos africanos, dominados por outros colonialismos, começaram a conquistar a independência, e em especial desde que os nossos irmãos angolanos, explorados como nós pelos mesmos opressores, tomaram o exemplo, e pegando nas armas que encontraram a sua mão se revoltaram, os colonialistas portugueses, amedrontados com esse exemplo, com receio de que se alastrasse as outras colónias portuguesas, enviaram para Angola, Guiné e Moçambique importantes forças militares que se tornaram hoje no nosso país a maior força repressiva de que o colonialismo português dispõe. Em Moçambique existem actualmente cerca de 40.000 homens armados até aos dentes, com bom material fornecido pelos países na N.A.T.O. e que recebem um treino especial dado por técnicos militares franceses peritos da guerra da Argélia.

Este exército, embora na base esteja constituído por homens do povo português também oprimidos pelo fascismo de Salazar, tornou-se pelo seu agrupamento, organização e disciplina a maior força opressiva do nosso país. Os administradores e chefes de posto já não estão mais seguros do seu papel e já tem a todo o momento de recorrer aos militares para imbuírem a sua força. Com a presença deste verdadeiro exército de ocupação o colonialismo português passou a fase de dominação política e económica do nosso país, para a fase de ocupação militar.

Este exército é por conseguinte na fase actual da vida do nosso País o nosso inimigo mais frontal, pois é de quem o governo colonial-fascista dirige o seu ataque. Salazar se vai servir, utilizando-o para sua própria protecção, logo que as forças populares se decidam a dar o assalto final e a tomar conta daquilo que lhes pertence, expulsando do nosso país toda a camarilha colonialista e imperialista. Por isso, por muito bons que possam ser os sentimentos individuais dos militares, enquanto permanecem na frente de batalhas serão os inimigos mais perigosos e mais terríveis, pois são os mais bem armados — e um homem bem armado, civil ou militar, que se disponha a combater é sempre nosso inimigo e deve ser sempre eliminado.

OLEODUTO PARA A RODESIA

Está prevista para o próximo mês de novembro a inauguração do oleoduto que ligará o porto da Beira à Rodésia do Sul. Propriedade da chamada Companhia do Pipeline, o oleoduto terá 268 quilómetros de comprimento em território moçambicano e apenas vinte na Rodésia. Espera-se que possa transportar em 1965 60.900 toneladas de petróleo bruto. O povo moçambicano não colherá o menor benefício dessa realização que, no momento, apenas vem contribuir para aumentar o domínio do capital estrangeiro sobre a vida local.

IMPrensa FASCISTA ATACA EUA

A imprensa fascista portuguesa, que ultimamente deixara de criticar os Estados Unidos, voltou no mês de setembro a desfechar furibundos ataques contra aquele país. Comentando declarações da senhora Mondlane em um jornal norte-americano, o "Diário da Manhã" — depois acompanhado pelo coro obediente dos demais — vomita as piores injúrias contra a Fundação Ford, o Conselho das Igrejas e o Instituto Afro-Americano, acusando-os de financiar a subversão comunista (sic) em Moçambique. Ao que parece, aquelas entidades preferiram entregar diretamente a moçambicanos as verbas dos seus programas assistenciais destinadas aquele país.

Tanto basta para que, aos olhos dos propagandistas do fascismo português se transformem em financiadores de criminosos e aliados do comunismo internacional.

O MERCADO COMUM DA ÁFRICA AUSTRAL...

O primeiro ministro da União Sul Africana, dr. Verwoerd acaba de propor ao Congresso do Partido Nacional do seu país (defensor acérrimo do apartheid) a criação daquilo a que chamou o Mercado Comum da África Austral. Desse estranho Mercado fariam parte a União, Angola, Moçambique, o Malawi, a Rodésia do Sul, possivelmente Zambia (ex-Rodésia do Norte) e os protetorados britânicos da Basutolândia, Bchhuana Nalandia e Suasilândia. Acentuou o sr. Verwoerd que o projectado Mercado Comum teria caracter puramente económico e que cada país membro conservaria a sua independência política no seio da aliança. Esqueceu-se apenas de dizer que nenhum desses países, excepto o seu e o Malawi, goza de qualquer espécie de independência... Segundo a imprensa sul-africana, a capital que acolheu a iniciativa com mais simpatia não está na África: foi Lisboa...

Angola

MARIO DE ANDRADE VOLTA AO MPLA

O Comité Director do Movimento Popular de Libertação de Angola divulgou em Brazzaville, no dia 31 de agosto, o seguinte comunicado:

"MARIO DE ANDRADE, antigo dirigente do MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA (M.P.L.A.), chegou recentemente a Brazzaville, tendo tido conversações com a Direcção do M.P.L.A.

No decorrer das conversações, MARIO DE ANDRADE reconheceu a justiça da orientação seguida pela DIRECTION do M.P.L.A. nas diferentes e delicadas situações que se apresentaram a partir de junho de 1963, manifestando assim o seu pleno acordo com as decisões da CONFERENCIA DE QUADROS do M.P.L.A., realizada em janeiro de 1964.

Dissipados os malentendidos e posto em relevo a fidelidade do M.P.L.A. aos princípios que sempre o orientaram, o COMITE DIRECTOR do M.P.L.A. comunica a completa reintegração de MARIO DE ANDRADE nas fileiras da Organização".

FRANCO NOGUEIRA EM LUANDA

No momento de encerrarmos esta edição do nosso jornal, estava prestes a partir para Angola o ministro dos Negócios Estrangeiros de Salazar, sr. Franco Nogueira. Aquele agitado porta-voz das teses colonialistas do velho ditador deslocou-se a Luanda a fim de pronunciar no Palácio do Comércio uma conferência comemorativa do centenário da Associação Commercial de Angola, que lhe servirá de pretexto para as suas habituais diatribes contra as nações africanas que defendem o direito à autodeterminação e independência do povo angolano.

OPERAÇÕES MILITARES

Apesar da euforia com que o governo português vem proclamando o fim da guerra em Angola, a verdade é que essa mesma guerra é tão real que o proprio estado maior do exercito português de ocupação alude todas as semanas, nos seus comunicados, a dezenas de choques, alguns de grandes proporções, em que se verificam baixas dos dois lados.

É evidente que a falta de unidade existente nos movimentos nacionalistas prejudica extraordinariamente o desenvolvimento da luta armada, pelo que são hoje menos numerosas as ações de conjunto, devidamente planejadas e comandadas, e mais frequentes os ataques de pequenos grupos, no estilo da emboscada, visando a objectivos limitados. De qualquer modo, a situação em todo o Norte de Angola e em vastas zonas vizinhas ao Quanza é de permanente intranquilidade, sendo intensa a actividade dos patriotas angolanos. A prova disso temo-la na frequência com que as forças navais e aéreas portuguesas são chamadas a participar de operações conjuntas, em apoio do Exército. Na mata de Sanga verificaram-se nas ultimas semanas violentos combates, bem como nas regiões de Cazundo, Serra do Ulge e Quixico. Segundo os comunicados portugueses

houve também choques nas seguintes regiões: vale do rio M'Poxo, entre os rios Lue Pequeno e Lufico Mucanga, Rio Zadi, Andimba, Serra da Canda, Quixico, Vale dos rios Lunda e Lucunga, Cambamba, Gola, Lulu, Quibala, itinerário Zala-Vila General Freire, fazenda Onze, fazenda Barreira, Serras do Uigo e da Roca Boa Vista e Muconde.

A "IMPARCIALIDADE" DO EVENING STAR

Prevenido os ataques que serão, uma vez mais, desfechados contra o colonialismo português na proxima Assembleia Geral da ONU, o governo de Salazar, por intermédio dos seus serviços de propaganda, fez em setembro um grande esforço para envenenar com as suas teses a opinião publica dos Estados Unidos. Pelo tom e pelo conteúdo, a maioria dos artigos vindos a lume sobre o problema de Angola nos jornais de Nova York e de Washington deixa porem transparecer que o preço pago à linha foi muito caro... Um dos periodicos que recentemente se tomou de entusiasta pelo colonialismo português é o "Evening Star", de Washington. Alguns dos seus artigos assemelham-se como duas gotas de água entre si às prosas do "Diário da Manhã" e da "Voz". Segundo os articulistas os patriotas angolanos são invariavelmente "rebeldes sobreexcitados", "terroristas", "pseudo-libertadores", capazes das mais "indizíveis atrocidades". E, como era de esperar, o dedo vermelho está atrás de tudo, maquiavélico.

Quanto à Frente de Libertação Nacional de Angola "tresanda para o "Evening Star" — a impostura, comunismo e terror".

Guiné

Tambem em relação à Guiné e pelo mesmo motivo — a proximidade da Assembleia Geral das Nações Unidas — o fascismo português está empenhado numa gigantesca campanha mistificadora. O "pacificador" Schultz vem sendo promovido a herói do regime sendo-lhe atribuídos os mais espantosos exitos. Acontece, entretanto, que tais vitórias inexistentes, são produto da imaginação. Na região de Canquella, por exemplo, as forças portuguesas vêm sendo repetidamente atacadas pelos elementos nacionalistas. E na zona de Geba onde as tropas portuguesas meses atrás se movimentavam ainda livremente, a sua insegurança é agora total, vendo-se forçadas a uma constante dispersão na tentativa de ripostar aos golpes de mão dos guerrilheiros do PAIGC. A juventude portuguesa continua entretanto a pagar pesado tributo de sangue à criminosa política de genocídio que vem transformando a Guiné em terra devastada. Segundo um comunicado tornado público em Bissau morreram em combate os soldados Americo dos Santos Alves e José Henrique Ferreira. Outros seis, cujos nomes não foram ainda divulgados, perderam a vida — segundo outro comunicado das Forças Armadas — quando elementos do PAIGC fizeram explodir, na região de Geba, uma mina sob uma viatura militar, no decurso de violento choque armado. Na zona de Naga, travaram-se também, no mês findo, combates de certa importância.

O correspondente do "New York Times" em Lisboa acaba de aderir às teses salazaristas. Os seus telegramas sobre uma guerra que não conhece são agora favoráveis aos interesses do fascismo.

Mais 32 Portugueses que Fogem para França...

Sem comentários — chamando apenas a atenção dos leitores para a reportagem que publicamos na pagina 5 — transcrevemos do jornal "O Seculo", de Lisboa, o seguinte telegrama da agência "France Presse":

"BAIONA — Depois de penosa viagem de cinco dias, sem viveres durante quarenta e oito horas, um grupo de 32 portugueses, saído clandestinamente do seu país em busca de trabalho em França, arribou ao fim da tarde a este porto, a bordo da traineira "Conde".

Esfomeados, os vinte e nove homens, duas mulheres e uma menina foram recebidos pelas autoridades, que lhes ofereceram comida. É muito possível que o grupo siga para a região parisiense".

"Viene Como La Gente"

"Viene como la Gente" é um pequeno volume de versos escritos na linguagem palpitante e bravia de uma poemática "engagés" que, sem deixar de ser poesia e da mais bela, prefere o banho quente e forte da Verdade, o contacto telúrico e vital, às tibias e vaporosas fulgurações parnasianas. Não perdeu nada o autor com a interferência onírica, pois os seus poemas, apesar de saírem da terra e do homem com as raízes e os ossos, nus, isentos de púdicas roupagens, primitivos e gregários, despertam até no leitor menos atento e profano, um sentimento profundo de prazer estético — que é a medida autêntica da poesia.

Sem entrar na apreciação da eventual filiação do autor nesta ou naquela corrente estética nota-se que descobriu e adoptou um estilo peculiar que a seu talante molda, conseguindo transmitir através d'ele sensações vivas e perduráveis.

A sua poesia é realista e militante. Mas embora cante à liberdade de Cunhal e de Cuba em armas,

— "La paloma entienda la señal y canta que le abran la jaula del Tiempo".

— "hoi el dia ensena claramente que la aurora se toma por asalto",

não é uma poesia panfletária. É sim, inequivocamente, uma poesia comprometida. Comprometida com a vida e com o homem, com o destino do Homem. Com a dignidade humana. Com a liberdade e com a luta por essa mesma liberdade!

"Vamos a ajudar los puños. Los puños son morenos el moreno es rojo"

"el sol lava la cara y mira el reloj. y dice: buenos dias camarada".

Ou então: "en cuento la policia vigila una puerta de la otra sale el obrero con pés de lana,

mueve la brocha y pega el mapa en el sol".

A terra e o homem, os mineiros de Aljustrel, os mártires de Angola, os soldados, os militantes clandestinos — Salazar!

(oh salazar cuánto de tu sal se hizo lágrimas".

Motivos aparentemente extra-poéticos para os que consideram a poesia um rito estilístico e ingrátido, mas dos quais Sérgio Alves Moreira extrai imagens e efeitos líricos permanentes e válidos.

Embora nem sempre com idêntica estatura e resultado, os poemas de S.A.M., além dos méritos propriamente poéticos, estão invariavelmente impregnados de um generoso afã humanista, de uma perene afirmação de rebeldia e de esperança e de dignidade.

É grato deparar com um poeta debruçado tão corajosamente sobre as contingências terrenas, com os dedos e os olhos metidos no barro.

E é mais grato ainda observar como, com as pupilas atentas e os dedos serenos, remexe o charco aquoso e pútrido, transformando-o, pouco a pouco num cristal puríssimo, num objecto radiante, comunicativo, numa tocha, através da mágica alquimia do Verbo e do Sentimento.

Parabéns ao feliz autor compatriota, tão exuberante e veemente como a terra e a lingua que lhe serviu de cenário e instrumento: — a Venezuela do petróleo e das guerrilhas e a lingua de Rómulo Callegos e de Cervantes.

J. L. M.

A FSM Desmascara Manobra Salazarista

Durante a 48.ª reunião da Conferencia Internacional do Trabalho, realizada em Genebra, no passado mes de junho, a delegação que naquele conclave representava a Federação Sindical Mundial impugnou os mandatos dos "delegados" dos trabalhadores de Portugal, bem como os dos respectivos conselheiros técnicos. Os representantes da FSM fizeram questão de acentuar que em Portugal não há organizações sindicais dignas desse nome e que, portanto, as pessoas designadas pelo governo de Salazar não podiam de modo algum ostentar uma representatividade que não lhes fora conferida pelos trabalhadores.

A PARTIR DESTES NUMEROS "PORTUGAL DEMOCRATICO" SERÁ VENDIDO NAS BANCAS AO PREÇO DE 50 CRUZEIROS O EXEMPLAR E A ASSINATURA ATUAL PASSARÁ A CUSTAR 1.500 CRUZEIROS.

Violação...

(Continuação da pag. 6)

deve ser uma obrigação para todos prestar integral solidariedade ao magnífico e sofrido povo português."

CONCLUSÕES

O relatório ocupa-se mais adiante de alguns casos específicos, chamando a atenção para o processo de Beja, então em curso, e comenta as condições inhumanas a que os presos políticos estão submetidos no Aljube, em Caxias e Peniche, "fortalezas medievais, fétidas e insanas". Cita, depois, o caso de Maria da Piedade Gomes dos Santos, o covarde assassinio do escultor Dias Coelho e refere as condições deploráveis em que se encontram, entre outros patriotas, Maria Emilio Lindim Serra, Antonio Dias Lourenço, Manuel Guedes, Carlos Costa e Carlos Aboim Ingles, prestando homenagem ao heroísmo de todos eles. E, ao concluir, afirma o dr. Conrado Gomez:

"Nos ultimos três anos agravou-se a repressão, mercê principalmente das guerras de libertação das colónias e do papel desempenhado pela opposição nas eleições presidenciais. Apesar da repressão, apesar do fascismo arrogante, a combatividade desse povo magnífico não diminui. Entre cinco e seis mil presos por ano têm as suas vidas destróçadas pelas lutas justas que visam as mudanças estruturais exigidas pela realidade social do país".

A maior parte do informe do Dr. Conrado Gomez foi divulgada em grande relevo pelo jornal argentino "El Popular", que recentemente publicou uma longa entrevista sobre o assunto, concedida por aquele eminente jurista.

PORTUGAL DEMOCRATICO

DIRETOR RESPONSÁVEL
Otávio Martins de Moura

SUCURSAL
RIO DE JANEIRO: Rua General Pedra, 215 — Tel. 43-0202

REPRESENTANTES
RECIFE: Manuel Luis Fernandes e Angelo Ferreira da Silva — Rua Real Sa Torre,, 819 - 1.º

CURITIBA: A. Ferrer — Rua João Pessoa, 67

LONDRINA: Julio Duarte — Edifício Centro Comercial — Apto. 141

PORTO ALEGRE: Carlos Noronha Feio — R. Dr. Flores, 26 — Rio Grande do Sul

PELOTAS: Heitor M. Bandeira — Rua 7 de Setembro, 312 — Pelotas — R. Grande do Sul

SALVADOR: Américo Carvalho — Av. Sete, n.º 1 — Edifício Sulacap, 215 — Salvador (Bahia)

INGLATERRA: Grupo de Portugueses Democratas da Inglaterra (GPDI) 4, Sherwood Gardens, Barking, Essex.

HOLANDA: ANGOLA COMITE — Vinkensstraat - 13 — Amsterdam - C

CANADÁ: Portuguese Canadian Democratic Association — 47 Barrymore Road — Scarborough — Ontário — Canadá

VENEZUELA: Junta Patriótica Portuguesa — Apartado 8287 — Caracas

URUGUAI: Junta Patriótica Portuguesa del Uruguay Casilla de Correo, n.º 2.128, Distrito 5 — Montevideo

CHECOSLOVÁQUIA: João Ribeiro — Postovní Uraha — Jindiská, 15 — Schránká 646 — Praha

REDAÇÃO
Rua Conselheiro Furtado, 191 — Sala 2 — Tel.: 37-0933 — São Paulo.

EXPEDIENTE
Dias úteis: das 19 às 22 horas
sábados: das 15 às 19 horas

Numero avulso: Cr\$ 50,00
Assinatura anual Cr\$ 1.500,00
Ass. p/o Exterior: US\$ 15,00

Ano IX - N.º 87 - Outubro - 64

Os artigos assinados traduzem apenas a opinião de seus autores, sendo por conseguinte de sua exclusiva responsabilidade.

Leopold Senghor Pede no Brasil a Independência das Colônias Portuguesas

Durante a visita que realizou ao Brasil na segunda quinzena de setembro, o presidente Leopold Senghor, do Senegal, abordou em quase todos os discursos que pronunciou o problema do colonialismo português, deixando transparecer que a luta pela autonomia e pela independência de Angola, de Moçambique e da Guiné e Cabo Verde é hoje, para ele como para todos os estadistas responsáveis da África, uma preocupação constante e absorvente.

Logo ao pôr pé em território brasileiro, no dia 19, respondendo ao governador da Guanabara, o presidente Senghor pôs a questão com clareza: "Celebremos hoje o bom êxito de uma civilização forjada não na sujeição mas na independência em face de uma metrópole de que rechaçastes a tutela sem lhe renegar a cultura; deveis desejar, para nós mesmos, os mesmos êxitos exemplares. E, citando concretamente os casos de Angola, Moçambique e da Guiné dita Portuguesa defendeu o direito dos seus povos à autodeterminação.

Não podiam os democratas portugueses de São Paulo, aliados naturais dos povos africanos que lutam contra o colonialismo de Salazar, permanecer indiferentes ante essa atitude, até porque a mesma ganhava um significado particular pelas circunstâncias que a haviam rodeado, num país como o Brasil, onde o poderoso "lobby" salazarista está em permanente atividade. Assim, a Comissão Executiva da Unidade Democrática Portuguesa, logo que tomou conhecimento das declarações do eminente visitante, enviou-lhe o seguinte telegrama:

Presidente Leopold Senghor
Palácio da Alvorada — Brasília

Interpretando o sentimento dos democratas portugueses do Brasil, vimos manifestar a Vossa Excelência, que no momento encarna a África aos olhos do povo brasileiro, o nosso reconhecimento pela sua tomada de posição na Guanabara contra o colonialismo de Salazar e a favor da independência das nações africanas por ele escravizadas, posição que corresponde aos interesses do povo português e aos princípios defendidos pela Frente Patriótica de Libertação Nacional, movimento que congrega a maioria das organizações antifascistas portuguesas.

Nos dias seguintes e nas mais variadas ocasiões, não deixou o presidente senegalês de aludir insistentemente ao problema, acentuando sempre que o Brasil pode vir a desempenhar um papel decisivo na liquidação do colonialismo português, pois nenhum outro país estaria tão qualificado para fazer ver ao governo de Lisboa o anacronismo das suas teses e da sua política colonial.

Audiência aos Democratas Portugueses

Quis, porém, o presidente do Senegal vincar ainda mais claramente a sua posição de combate a um governo como o de Salazar que a África inteira hoje encara como inimigo. E, na manhã do dia 25, recebeu em audiência especial no Palácio onde se encontrava hospedado, uma comissão de democratas portugueses representando o Centro Republicano Português, a Unidade Democrática Portuguesa e "Portugal Democrático". Cabe salientar que tendo de cumprir extenso programa, elaborado com semanas de antecedência pelo protocolo, o presidente Senghor cancelou uma visita oficial ao Hospital das Clínicas para poder avistar-se com os democratas portugueses. A imprensa brasileira destacou, aliás, como significativo, o facto de o visitante haver atravessado duas vezes a cidade em quase toda a sua extensão apenas para falar uns minutos com os representantes das organizações antifascistas portuguesas.

Nesse encontro, que decorreu em ambiente informal, os democratas portugueses manifestaram ao presidente o seu reconhecimento pelas declarações acima citadas e, depois de aludirem à crescente oposição do povo português à guerra colonial, que tão contrária é aos seus interesses, pediram-lhe que contribuisse em África para que se fizesse sempre a diferenciação entre os colonialistas-fascistas portugueses e o povo de Portugal que é, ele próprio, em certa medida, um povo colonizado. Foi ainda recordada a clara posição da Frente Patriótica de Libertação Nacional a favor de uma aliança cada vez mais estreita entre as forças da oposição uni-

tária portuguesa e os patriotas africanos que lutam contra o colonialismo de Salazar.

Em resposta, o presidente Senghor principiou por esclarecer que se considera um amigo do povo português e que jamais o confundiu com os seus opressores. Conhece Portugal e orgulha-se sempre de referir as origens portuguesas do seu próprio nome e da sua cidade natal. Não responsabiliza, portanto, o povo de Portugal pela guerra colonial de que ele é também vítima.

Prosseguindo na troca de impressões, insistiu na importância que a seus olhos teria uma ação diplomática do Brasil mais intensa em relação ao problema do colonialismo português, pois nenhum outro país lhe parece mais qualificado para levar o governo de Salazar a compreender a impossibilidade de evitar a independência das nações africanas por ele subjogadas.

Guiné:

Guerra Podre

Documentando com um exemplo a sua afirmativa, aludiu o presidente Senghor à situação existente na Guiné dita Portuguesa, colônia que tem ao Norte fronteira comum com o Senegal. Apesar de manter ali um exercito de 10.000 homens, bem equipado e dotado do mais moderno armamento, Salazar — acentuou — não poderá nunca obter a solução militar que vem perseguindo teimosamente. Comparando essa guerra de guerrilhas "às guerras podres" do Vietnam e da Argélia — que a França, com um dos melhores exercitos do mundo e dispendendo de recursos imensos não pôde vencer — o presidente lembrou que os patriotas de Amílcar Cabral não serão jamais esmagados, pois lutam pela liberdade da sua terra, enquanto as tropas portuguesas combatem sem entusiasmo por uma causa que não podem sentir, como se depreende, aliás, das numerosas deserções verificadas. Ai, como em Angola ou Moçambique, crê o presidente Senghor que a melhor solução para os impasses criados será uma pressão conjunta e crescente no plano internacional, com o objectivo de forçar o governo de Salazar a reuçar das suas posições, obrigando-o a conceder a independência das nações africanas subjogadas.

— • —

A Comissão que foi recebida em audiência especial pelo presidente Senghor era constituída dos seguintes elementos: eng. Ricca Gonçalves, presidente do Centro Republicano Português; Eulália Nunes da Silva, Fleurette Rodrigues, Alexandre Pereira e Joaquim Lopes Mendes pela Unidade Democrática Portuguesa; Joaquim Barradas de Carvalho, Victor Ramos e Miguel Urbano Rodrigues, pelo nosso jornal.

MENSAGEM ESTUDANTIL

Durante a recepção ao presidente Senghor, na Reitoria da Universidade de São Paulo, um bolsista africano, dirigindo-se ao visitante em nome dos seus companheiros pediu-lhe que transmitisse ao povo do Senegal a seguinte mensagem:

"Os estudantes africanos no Brasil apóiam a criação da União dos Estados Africanos, condenam totalmente a dominação desumana na África, especialmente em Angola, Moçambique e Guiné Portuguesa, assim como a segregação racial, que se mostra mais aguda na África do Sul".

OUÇA A RÁDIO PORTUGAL LIVRE

Diariamente das 20 às 20,30 e das 22,15 às 22,45 (hora de Portugal) na banda de 32 metros e das 0,30 às 0,50 nas bandas de 36, 40 e 43 metros
Uma Emissora ao Serviço do Povo Português



Senghor com democratas portuguesas. Da esquerda para a direita: Joaquim Barradas de Carvalho, Eulália Nunes da Silva, Miguel Urbano Rodrigues, o presidente do Senegal e Fleurette Rodrigues.

Ultima Hora

Libertada a Prêsa, Prêso o Advogado

LONDRES (Do Correspondente) — Sob o título "Prisoner freed, lawyer arrested", o "Guardian", na página central da sua edição de 22 de setembro publica um telegrama do seu correspondente no Porto, informando que o dr. Arnaldo Mesquita, advogado de Maria da Piedade Gomes dos Santos foi detido pela PIDE no dia 20, isto é dois dias depois de a sua constituinte ter sido restituída à liberdade. O "Guardian" faz um breve histórico do caso daquela patriota, criticando o mecanismo das "medidas de segurança" que a reteve na prisão durante tres anos, após o cumprimento da pena. Segundo o influente diário britânico, o dr. Arnaldo Mesquita teria sido preso por fatos não esclarecidos pela Polícia, relacionados com a posição que assumiu no caso de Maria da Piedade, como seu advogado. O telegrama refere ainda que a PIDE, ao abrigo das leis do Estado português, pode mantê-lo prêso "a título preventivo, para averiguações, durante 90 dias".

20 Militares Mortos por "Comandos" do M.P.L.A.

BRAZAVILLE (Do Correspondente) — A assinalar a fase de fortalecimento em que se encontra, após as dificuldades que atravessou recentemente, o Movimento Popular de Libertação de Angola acaba de alcançar uma importante vitória militar contra as tropas portuguesas. Nos termos de um comunicado de guerra, divulgado nesta capital no dia 5 de setembro, um Comando do Movimento, sob a direcção dos comandantes Lucienda e Henda, atacou de surpresa, no dia 4, a 70 Km da fronteira Congo-Cabinda, uma poderosa coluna motorizada do Exército português de ocupação. Durante a violenta acção que se seguiu, as forças colonialistas teriam sofrido pesadas baixas, inclu-

do um oficial, um sargento e dezoito soldados mortos. Os sabotadores do comando fizeram ainda saltar, no curso do combate, quatro jipões e dois jeeps, cujos destroços ficaram no local. Os patriotas angolanos aposaram-se também de apreciável quantidade de material de guerra.

A notícia da vitória alcançada causou grande satisfação entre os refugiados angolanos que vêm acompanhando com entusiasmo as operações ofensivas desfechadas pelo MPLA na frente de Cabinda, onde a situação das tropas portuguesas tende a tornar-se desesperada. O MPLA anuncia no mesmo comunicado que os efectivos das suas forças aumentam constantemente.

Acções Populares

LISBOA (Do Correspondente) — Apesar da violência da repressão policial, continuam a registrar-se em todo o País numerosas acções populares dirigidas contra o fascismo, numa prova evidente de que o espírito de luta das massas se fortalece cada vez mais.

A unidade e a organização do movimento camponês, principalmente no Baixo Alentejo, ascenderam a um nível mais alto durante as lutas travadas na altura das ceifas contra os latifundiários e o aparelho de repressão que lhes deu cobertura. Embora as deficiências ainda sejam muitas, especialmente por serem poucos os concelhos onde as comissões de unidade realizaram um trabalho em profundidade, foram alcançadas importantes vitórias na defesa da jornada de oito horas sempre que os operários agrícolas se apresentaram como bloco coeso perante os latifundiários e seus agentes armados.

Os mineiros de Aljustrel, pelo seu lado, continuam na brecha, dando uma vez mais mostras da combatividade que os impôs à admiração do povo. Em Vale de Cambra, os operários de uma indústria local alcançaram também significativa vitória numa batalha reivindicativa.

Na propria frota do bacalhau, em águas da Groenlandia e da Terra Nova houve pela primeira vez, simultaneamente, incidentes graves em vários navios, opondo as tripulações aos comandantes. Os acontecimentos do "Santa Mafalda", onde o choque quase evoluiu para motim generalizado, alarmaram particularmente as autoridades fascistas.

PORTUGAL DEMOCRÁTICO
R. Cons. Furtado, 191. — SP, Brasil
Endereços de Assinantes